UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

PREDICADO VERBO-NOMINAL
UM EXPERIMENTO

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA À UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM LETRAS - OPÇÃO LINGÜÍSTICA, POR

MARIA HELENA DE BEM SILVA

JUNHO/1982.

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do grau de Mestre em Letras - opção Lingüística e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós - Graduação.

Profª Drª Maria Marta Furlanetto
Coordenadora do Programa de
Pós - Graduação em Letras.

Apresentada perante a banca examinadora composta pelos professores:

Profª Drª Maria Marta Furlanetto
(Orientadora)

Prof. Dr. Paulino Wandresen
(Co-orientador)

Profª Drª Solange de Azambuja Lira

Prof. Dr. Apóstolo Theodoro Nicolacópulos

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Professora Maria Marta Furlanetto, orientadora e amiga, que sempre demonstrou disponibilidade para me ajudar durante a elaboração desta dissertação, com relevantes observações e críticas.

Agradeço ao Professor Paulino Vandresen, pelo interesse que dispensou a esta dissertação, trazendo-lhe valiosas contribuições, principalmente à parte de experimentação, na qualidade de co-orientador.

Agradeço à Professora Leda Bisol pelas observações e sugestões feitas a esta dissertação.

À Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina, que me permitiu a realização do experimento com alunos do 2º grau, do Colégio Dehon.

Aos professores que me permitiram o experimento em suas turmas.

Aos professores que, com muita dedicação, colaboraram no preenchimento dos questionários.

Aos amigos que, de uma forma ou de outra, comigo colaboraram.

A todos o meu profundo agradecimento.

RESUMO

Esta dissertação apresenta-se dividida em duas partes: uma teórica e uma experimental.

Através de contacto com alunos de classes de 2º grau, notamos a existência de certa perplexidade nas análises do PREDICATIVO DO SUJEITO e ADJUNTO ADVERBIAL DE MODO, no PREDICADO VERBO-NOMINAL, tendo na sua origem a semelhança entre as idéias de ESTADO e MODO.

O primeiro capítulo, dividido em duas partes, caracteriza o problema e mostra estatisticamente a opinião de professores de língua portuguesa, sobre as reações dos alunos e os resultados da aprendizagem, observados por eles na exposição do assunto.

Para apresentar a reflexão feita sobre o assunto, mostraremos, no segundo capítulo, o tratamento dado ao assunto nas gramáticas tradicionais, e em seguida através de uma abordagem gerativo-transformacional, mostraremos aspectos da estrutura subjacente de frases como:

- O menino chegou cansado.

Nesta frase o adjetivo teria em sua origem feito parte de uma categoria mais ampla abarcando tanto adjetivos como advérbios; este, derivado por transformações daquele, vindo daí a noção adverbial percebida na função de predicativo.

No terceiro capítulo tratar-se-á do relacionamento entre cópula e nome, que se nos apresentou como assunto polêmico, com opiniões divergentes de gramáticos e lingüistas, no que se refere à significação de um e outro. Apreciaremos, ainda, as construções de ESTAR + PARTICÍPIO ou GERÚNDIO, trazendo à baila a hipótese de intransitividade do verbo ESTAR.

No quarto capítulo, fazemos a descrição do experimento, com o resultado das sondagens, resumo das idéias a serem apresentadas ao aluno em aulas práticas e verificação dos resultados da aprendizagem colhidos.

A identidade dos conceitos de ESTADO e MODO, bem como a das funções de PREDICATIVO e ADJUNTO ADVERBIAL DE MODO na estrutura profunda das orações em questão, são as conclusões a que chegamos na parte teórica, que são apresentadas na conclusão do trabalho com observações sobre a metodologia aplicada.

ABSTRACT

This dissertation is divided into two parts: a theoretical and an experimental one.

Through contacts with 2nd grade students, we observed the existence of a certain confusion in the analysis of the Predicative of the Subject and the Adverbial Phrase of Manner, in the Nominal Verb Predicative, having in its origin the similarity between the notions of state and manner.

The first chapter, divided into two parts, characterizes the problem and shows statistically the opinion of Portuguese language teachers about student reactions and the results in learning, observed by them in the explanation of the subject.

To present the reflection about the subject, we will first show in the second chapter, how traditional grammar deals with it, and after through a generative-transformational approach, we will show aspects of the deep structure of a sentence like:

- O menino chegou cansado. (The boy arrived tired)

In this sentence, the adjective would have been part in its origin of a larger category, including adjectivesas adverbs, which derived from adjectives by transformations, giving the adverbial notion of the predicative.

In the third chapter, we will focus on the relationship between copula and noun, that has been considered a controversial subject, with different opinions of grammarians and linguists about the meaning of each one. In addition, we will also present the constructions of "ESTAR" (to be) + PARTICIPLE or GERUND, raising the hipotesis of the intransitivity of the verb "ESTAR" (to be).

In the fourth chapter, we explain the experiment, with the result of the research, a synopsis of the ideas to be presented to the student in class practice and the analysis of the collected results.

The identity of the concepts of STATES and MANNER, as well as the functions of Predicative and Adverbial Phrase of Manner in the deep structure of the sentences mentioned, are the conclusions we arrived at in theoretical part, which are presented in the conclusion of the dissertation with comments on the applied methodology.

SUMÁRIO

p.

INTRODUÇÃO 1

CAPÍTULO I - APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

1 - Introdução 3

2 - Apreciação do Assunto por Professores de Língua Portuguesa ... 4

3 - Discussão dos Resultados 19

CAPÍTULO II - PREDICADO VERBO-NOMINAL

1 - Tratamento do Assunto nas Gramáticas Normativas 22

2 - Abordagem Gerativo-Transformacional 25

2.1. Semelhança entre Estado e Modo 27

2.2. O Adjetivo 28

CAPÍTULO III - RELACIONAMENTO ENTRE CÓPULA E NOME

1 - Panorama Gramatical 49

2 - Estar + Gerúndio ou Particípio 58

CAPÍTULO IV - EXPERIMENTO

1 - Apresentação 63

2 - Sondagem do Problema com Alunos do 3ºano do Colégio Dehon 64

3 - Observações sobre as Aulas Experimentais e Resultado da Avaliação 65

4 - Depoimento Avaliativo dos Alunos 68

CONCLUSÃO 75

BIBLIOGRAFIA 78

ANEXOS 81

INTRODUÇÃO

O ensino da Língua Portuguesa não é uma tarefa fácil. São vários os problemas; entre eles, o posionamento assumido pelos alunos em relação à disciplina.

O estudante, em geral, não gosta das aulas de Português. Em sua opinião, a língua portuguesa é "difícil", "com muitas exceções". Criticam , eles, a falta de regularidade, sentem-se confusos nas análises e classificações. A análise sintática, por exemplo, é o capítulo mais detestado por grande parte dos estudantes.

Justificamos essas confusões pelas terminologias empregadas, que não levam em consideração aspectos lingüísticos e semânticos mais profundos da língua.

A gramática generativista, com as noções de Estrutura de Superfície e Estrutura Profunda, revolucionou, de algum modo, os estudos científicos, permitindo uma análise dos aspectos mais internos da língua. Foi orientando-se por essa gramática, desenvolvida por Chomsky, que Leda Bisol, em seu trabalho PREDICADOS COMPLEXOS DO PORTUGUÊS- Uma Análise Transformacional*, cujo estudo é a base de nossa reflexão, pesquisou as estruturas profundas das orações que, segundo a gramática tradicional,

---

(*) - Bisol, Leda - Predicados Complexos de Português - uma Análise Transformacional. Editora da URGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1975.

contêm um predicado verbo-nominal e conseguiu mostrar que orações do tipo

(1) O menino chegou cansado.

(2) Pedro encontrou Maria doente.

(3) João julga Pedro inocente.

(4) Os amigos chamam Pedro (de) sábio.

(5) Deus criou os homens fracos.

com "construções superficialmente semelhantes, são, em essência, diferentes, porque cada uma delas possui um processo próprio de estruturação interna, do qual decorre um sentido específico". (1975-pp. 10-11).

A partir dessa constatação, parece-nos justificável que o estudante de 2º grau se sinta desorientado e confuso, quando todas essas construções são apresentadas a ele como tendo uma mesma análise sintática, no que se refere ao tipo de predicado.

Esta dissertação pretende discutir apenas um dos problemas encontrado pelos estudantes: a semelhança existente nas idéias de MODO e ESTADO, a partir das quais as palavras são analisadas como ADJUNTO ADVERBIAL DE MODO E PREDICATIVO, repectivamente.

CAPÍTULO I

APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

1 - Introdução

Na introdução desta dissertação apresentamos o problema em ter - mos da semelhança existente nas idéias de ESTADO e MODO no PREDICADO VERBO - NOMINAL.

O problema surge, na realidade, e, basicamente, na seguinte pergunta, formulada pelo estudante:

na oração:

(1) O menino chegou cansado.

cansado, não é o modo como o menino chegou, ou seja, cansado não é adjunto adverbial de modo?

O aluno parte do pressuposto de que cansado se relaciona ao verbo chegar indicando-lhe o modo. E mesmo, quando, a partir da orientação de gramáticos, mostramos o desdobramento desse tipo de oração em duas, surgindo então o verbo de ligação e a conjunção coordenativa e, a dúvida continua:

(6) O menino chegou e estava cansado.

cansado, agora, conforme percebemos, continua a ser confundido com o modo de estar, de ser, de ficar, ou qualquer verbo que seja usado como li

gação (cópula).

Observamos que a análise do nome como predicativo está ligada ao fato de os alunos decorarem quais os verbos relacionados como de ligação , nas gramáticas, e não pela compreensão do que esse nome signigica na relação com o sujeito da oração.

Essa relação nem sempre é vista como simultânea ao acontecimento expresso pelo verbo, pois, como podemos observar na leitura das gramáticas, apenas o gramático Celso Pedro Luft faz referência a esse aspecto, que consideramos de suma importância à compreensão dos fatos e que também elimina a introdução do elemento coordenativo entre as duas orações.

2- Apreciação do Assunto por Professores de Língua Portuguesa

Com um questionário respondido por professores de Língua Portuguesa, do 2º grau, mediante entrevista, visávamos colher dados que caracterizassem mais o problema , através da opinião de colegas sobre o assunto.

Os professores que nos auxiliaram nesta tarefa se distribuem no seguinte quadro:

Mestre em Lingüística (1)

Mestre em Literatura (2)

Pós-Graduado em Lingüística (2)

Pós-Graduado em Literatura (2)

Graduado em Letras - de 15 a 20 anos de experiência em classe (2)

Graduado em Letras - de 03 a 09 anos de experiência em classe (2)

Como podemos observar, no quadro acima, há bastante variedade na formação intelectual dos professores escolhidos. De um total de onze (11) professores, nove(09) são residentes em Tubarão-SC, e os outros dois (2) em Florianópolis.

Atualmente esses professores atuam nos seguintes estabelecimentos de ensino:

- Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina - FESSC- Tubarão(4)
- Escola Normal Senador F.B. Gallotti - Tubarão (1)

- Colégio São José - Tubarão (2)
- Escola Básica Hercílio Luz- Tubarão (1)
- Escola Básica Aderbal Ramos - Tubarão (1)
- Colégio de Aplicação da UFSC - Florianópolis (1)
- Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Curso de Letras - Florianópolis (1)

Conseguimos, através desses professores, depoimentos bastante variados, embora, em relação a alguns itens, tenhamos notado certa coincidência de opinião, o que se pode precisar melhor com o levantamento das respostas.

O preenchimento foi feito através de entrevista informal, onde se elucidaram algumas questões menos objetivas. Há de se ressaltar aqui, e de se considerar, o tempo disponível desses professores, em geral sempre muito curto, em função da grande carga horária de trabalho.

QUESTIONÁRIO E TABULAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

CURSO - LINGÜÍSTICA

QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

MESTRANDA - MARIA HELENA DE BEM SILVA

1 - Objetivos.

Tendo em vista o carácter prático-pedagógico da dissertação para Mestrado a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSC, que tem como tema o Predicado Verbo-Nominal, este questionário visa registrar a opinião de colegas, professores de Língua Portuguesa, sobre o assunto e também as reações dos alunos, observadas pelo professor, quando apresenta o assunto.

2 - Questionário.

2.1. Quanto à estrutura e interpretação do Predicativo, separe as frases abaixo em grupos, conforme a indicação, definindo sua interpretação semântica.

1º Grupo - A se forem iguais a estrutura e interpretação.

- B se for igual a estrutura mas diferente a interpretação.

2º Grupo - C idem a A

- D idem a B

3º Grupo - E idem a A

- F idem a B

1) O soldado voltou ferido.

2) Assisti à cena estarrecido.

3) Chegamos ao colégio atrasados.

4) O menino chegou cansado..

5) Maria morreu aflita.

6) Maria morreu afogada.

7) Cristina saiu do quarto apressada.

8) Mônica beijou o namorado encabulada.

9) João nasceu rico.

10) João morreu pobre.

11) Ele chegou bem.

12) O menino dormiu tranqüilo.

13) O dia amanheceu chuvoso.

14) O candidato veio preparado para os exames.

15) O trem partiu atrasado.

16) Os diretores escolheram Fernando para gerente da empresa.

17) O professor considerou ótimo o meu aproveitamento.

18) Nomearam-no Presidente.

19) O menino está triste.

20) O menino sorriu comovido.

21) O menino parece comovido.

22) O menino está bem.

23) A vida fê-lo experiente.

24) O pai encontrou-o pobre.

25) A Bahia elegeu Rui Barbosa senador.

26) Pedro encontrou Maria doente.

27) João julga Pedro inocente.

28) Os amigos chamam Pedro (de) sábio.

29) Deus criou os homens fracos.

30) João é inocente.

31) Ele é experiente.

32) João está pobre.

33) Eles escutavam a queixa humildes.

34) O cozinheiro assou a carne limpo.

35) A carta chegou aberta.

2.2. Que significado(s) pode(m) apresentar os termos sublinhados abaixo, em relação ao tipo de verbo utilizado e em relação ao tipo de frase.

a) João é <u>inocente</u>.

b) João está <u>pobre</u>.

c) O pai encontrou-o <u>pobre</u>.

d) Ele está bem.

e) O menino chegou cansado.

2.3. Em termos de objetivos específicos, qual sua preocupação, como professor, com os alunos em relação a essas estruturas.

3 - Em relação à didática de apresentação do assunto:

1) segue a orientação das gramáticas normativas?

2) acrescenta a essa orientação alguma noção particular? Especifique.

3) segue orientação diferente? Qual?

4 - Qual a reação dos alunos em relação à orientação e didáticas seguidas?

a) apresentam ótimo rendimento

b) apresentam rendimento satisfatório

c) apresentam fraco rendimento

- Quais as dúvidas mais encontradas?

5 - Outras observações.

Data: _____ Localidade: _____

Assinatura do Professor: _____

QUESTIONÁRIO PROFESSORES

Nº DAS FRASES	FRASES	1º GRUPO		2º GRUPO	
		Est.e/ou Qual. A	Modo B	Est.e/ou Qual. C	Modo D
01	O soldado voltou ferido.	10	1	-	-
02	Assisti à cena estarrecido.	7	3	-	-
03	Chegamos ao colégio atrasados.	7	3	-	-
04	O menino chegou cansado.	7	3	-	-
05	Maria morreu aflita.	9	1	-	-
06	Maria morreu afogada.	6	4	-	-
07	Cristina saiu do quarto apressada.	6	4	-	-
08	Mônica beijou o namorado encabulada.	9	1	-	-
09	João nasceu rico.	7	3	-	-
10	Pedro morreu pobre.	7	3	-	-
11	Ele chegou bem.	2	8	-	-
12	O menino dormiu tranqüilo.	9	1	-	-
13	O dia amanheceu chuvoso.	7	2	-	-
14	O candidato veio preparado para os exames.	9	-	-	-
15	O trem partiu atrasado.	7	3	-	-
16	Os diretores escolheram Fernando para gerente da empresa.	-	-	9	1
17	O professor considerou ótimo o meu aproveitamento.	-	-	9	1
18	Nomearam-no Presidente.	-	-	7	2
19	O menino está triste.	-	-	-	-
20	O menino sorriu comovido.	8	2	-	-
21	O menino parece comovido.	-	-	-	-
22	O menino está bem.	-	-	-	-
23	A vida fê-lo experiente.	-	-	9	1
24	O pai encontrou-o pobre.	-	-	9	1
25	A Bacia elegeu Rui Barbosa senador.	-	-	9	1
26	Pedro encontrou Maria doente.	-	-	10	1
27	João julga Pedro inocente.	-	-	9	1

1ª QUESTÃO - 2.1

3º GRUPO		OUTRAS INTERPRETAÇÕES			AVALIAÇÃO	Não responderam	T. de Profº
Est. ou Qual. E	Modo F	Qual/cau. 1º Grupo	Qual. 2ºGrupo	Qual. 3ºGrupo			
-	-	-	-	-	1) Notou-se maior concentração de dúvidas no 1º grupo - Predicado Verbo - Nominal com Predicativo do sujeito. 2) Houve maior facilidade em distinguir Estado/Qualidade, que em Estado/Modo.	-	11
-	-	1 qual.	-	-		-	11
-	-	1 qual.	-	-		-	11
-	-	1 qual.	-	-		-	11
-	-	1 qual.	-	-		-	11
-	-	1 causa	-	-		-	11
-	-	1 qual.	-	-		-	11
-	-	1 qual.	-	-		-	11
-	-	1 qual.	-	-		-	11
-	-	1 qual.	-	-		-	11
-	-	1 qual.	-	-		-	11
-	-	1 qual.	-	-		-	11
-	-	1 qual.	-	-		1	11
-	-	1 qual.	-	-		1	11
-	-	-	1	-		-	11
-	-	-	1	-		-	11
-	-	-	1	-		-	11
-	-	-	1	-		1	11
10	-	-	-	1		-	11
-	-	1 qual.	-	-		-	11
10	-	-	-	1		-	11
3	8	-	-	-		-	11
-	-	-	1	-		-	11
-	-	-	1	-		-	11
-	-	-	1	-		-	11
-	-	-	-	-		-	11
-	-	-	1	-		-	11

cont...

continuação

Nº DAS FRASES	FRASES	1º GRUPO		2º GRUPO		3
		Est.e/ou Qual. A	Modo B	Est.e/ou Qual. C	Modo D	Es Qu
28	Os amigos chamam Pedro (de) sábio.	-	-	10	-	
29	Deus criou os homens fracos.	-	-	9	1	
30	João é inocente.	-	-	-	-	
31	Ele é experiente.	-	-	-	-	
32	João está pobre.	-	-	-	-	
33	Eles escutavam a queixa humildes.	7	3	-	-	
34	O cozinheiro assou a carne limpo.	8	2	-	-	
35	A carta chegou aberta.	9	1	-	-	

3º GRUPO		OUTRAS INTERPRETAÇÕES			AVALIAÇÃO	Não res ponderam	T. de Profº
Est.e/ou Qual. E	Modo F	Qual/Cau. 1º Grupo	Qual. 2ºGrupo	Qual. 3ºGrupo			
-	-	-	1	-		-	11
-	-	-	1	-		-	11
9	-	-	-	2		-	11
8	-	-	-	3		-	11
9	1	-	-	1		-	11
-	-	1 qual.	-	-		-	11
-	-	1 qual.	-	-		-	11
-	-	1 qual.	-	-		-	11

Nº DAS FRASES	FRASES	SIGNIFICADOS			
		ESTADO	QUALID.	MODO	EST/MODO
a	João é inocente.	4	6	-	-
b	João está pobre.	5	3	1	-
c	O pai encontrou-o pobre.	5	3	1	-
d	Ele está bem	4	2	3	1
e	O menino chegou cansado.	6	3	1	-

IONÁRIO PROFESSORES 2º QUESTÃO - 2.2

	EST/MODO	NÃO RESP. C/SE PEDIA.	AVALIAÇÃO	T. DE PROFESSORES.	OBSERVAÇÃO
	-	1	A significação modal só não aparece com o verbo ser.	11	1) Observou-se a diferença entre ser estado inerente ou permanente; estar-estado não inerente ou transitório.
	-	2		11	
	-	2		11	
	1	1		11	
	-	1		11	
					2) Notou-se certa dúvida em diferenciar - modo de ser - qualidade modo - circunstância.

QUESTIONÁRIO PROFESSORES 2ª QUESTÃO

NUMERAÇÃO	OBJETIVOS	Nº DE PROFESSORES	NÃO RESPONDERAM	TOTAL
1 -	Orientação para busca de soluções na Lingüística.	1	3	4
2 -	Identificação dos dois núcleos.	1	-	1
3 -	Identificar e perceber o funcionamento do predicado e do predicativo. Elaboração de frases com as estruturas de Predicado Verbo-Nominal, com clareza, correção e elegância.	1	-	1
4 -	Reconhecimento do verbo com núcleo ou não do predicado.	1	-	1
5 -	Identificação dos termos da oração. Distinção entre: Predicado Verbal, Predicado Nominal e Predicado Verbo-Nominal. Reconhecimento dos Verbos Intransitivo ou Transitivo, e dos Verbos de Ligação.	1	-	1
6 -	Conhecer e diferenciar estruturas sintáticas distintas como instrumento de decodificação dos significados textuais e como instrumento de codificação clara do enunciado frasal.	3	-	3
TOTAL		8	3	11

QUESTIONÁRIO PROFESSORES 3º QUESTÃO

NUMERAÇÃO	ACRÉSCIMO DE NOÇÃO PARTICULAR	DIDÁTICA DE APRESENTAÇÃO	Nº DE PROFESSORES
1 -	Apresentação do conteúdo através de exemplos concretos antes da apresentação das regras gramaticais.	Gramat.Normat. (a)	5
2 -	O reconhecimento do núcleo em 1º lugar.	Noções Parti. (b)	6
3 -	Desdobramento da oração, para fazer aparecer o V. de Ligação, em oração Coordenada. Ex.: O pai encontrou-o pobre. ou - O pai encontrou-o (e estava) pobre.	Outra orient. (c)	-
4 -	Orientar o aluno a perceber as diferenças semânticas em estruturas superficiais semelhantes, no que toca à função do adjetivo, nas significações adverbiais ou de estado.		
5 -	Comparação de estruturas e significados.		
6 -	Enfoque dos núcleos significativos, com exercícios de substituição dos núcleos significativos antônimos, alertando para uma possível falta destes no estoque lexical da língua.		

cont...

continuação

NUMERAÇÃO	ACRÉSCIMO DE NOÇÃO PARTICULAR	DIDÁTICA DE APRESENTAÇÃO	Nº DE PROFESSORES
	Ex.: 1. Ele é bonito/Ele é feio → núcleo nominal 2. Ele comprou livros/Ele vendeu livros → núcleo verbal 3. Núcleo Verbo-Nominal: 3.1. Ele chegou elegantíssimo/Ele saiu elegantíssimo. 3.2. Ele chegou elegantíssimo/Ele saiu desarrumado. 3.3. Ele chegou elegantíssimo/Ele saiu desarrumado.		
TOTAL			11

QUESTIONÁRIO PROFESSORES 4ª QUESTÃO

REND. DOS ALUNOS	Nº DE PROFESSORES	NUMERAÇÃO	DÚVIDAS MAIS ENCONTRADAS	TOTAL
. Ótimo	2	1 -	Confundir Predicativo com Adjunto Adnominal.	
. Satisfatório	8		Ex.: Comprei um livro bonito. Comprei um livro (e ele era) bonito.	2
. Fraco	1	2 -	Confundir Predicativo com Adjunto Adverbial de modo. Ex.: Maria está feliz. João viu Maria feliz. Para a maioria dos alunos, "Feliz" exprime o modo como Maria se encontra e não estado dela. ou: Pedro dormia { tranqüilo / tranqüilamente.	3
		3 -	Identificar o predicativo do objeto.	2
		4 -	Reconhecimento do adjetivo, exprimindo estado.	1
		5 -	A compreensão do Predicativo do Sujeito e do Objeto.	1
		6 -	Dificuldade em desdobrar o Predicado Verbo-Nominal a fim de identificar o Verbo de Ligação.	1

cont...

continuação

REND. DOS ALUNOS	Nº DE PROFESSORES	NUMERAÇÃO	DÚVIDAS MAIS ENCONTRADAS	TOTAL
		7 -	Dificuldade no reconhecimento morfológico, e em conseqüência, as funções sintáticas: - Subst., Adj., Formas Nominais, Advérbio, Comp. Nominal, Adj. Adnominal, Predicativo.	1
		8 -	Diferenciar Predicado Verbal e Predicado Nominal.	1
		9 -	Diferenciar Predicado Verbal e Predicado Verbo-Nominal. Reconhecimento do Predicado Nominal implícito.	1
			Obs.: Alguns professores apontaram mais de uma dúvida.	
TOTAL DE PROFESSORES	11			

QUESTIONÁRIO PROFESSORES 5ªQUESTÃO -

NUMERAÇÃO	OUTRAS OBSERVAÇÕES	Nº DE PROFESSORES	NÃO RESPONDERAM	TOTAL
1 -	O estudo da análise sintática não é preferido pela grande maioria dos alunos, que faz dele um "cavalo de batalha". A causa do desinteresse pode ser o fraco rendimento apresentado.	1	-	1
2 -	Os tipos de predicado e conteúdos gramaticais afins são, normalmente, facilmente assimilados pelos alunos por requererem mais compreensão que a mera memorização teórica.	1	-	1
3 -	Não responderam.	-	9	9
TOTAL		2	9	11

3 - Discussão dos Resultados

Com relação à primeira e segunda questões o que se queria avaliar era quais as interpretações possíveis em termos da relação semântica entre predicativo e sujeito.

Na 1ª questão há 3 grupos, sendo respectivamente:

1º Grupo - Predicado Verbo-Nominal com predicativo do sujeito.

2º Grupo - Predicado Verbo-Nominal com predicativo do objeto.

3º Grupo - Predicado Nominal com predicativo.

Entre as 35 frases apresentadas nessa 1ª questão foram colocadas, propositalmente duas (2), ou seja;

(11) O menino chegou bem.

(22) O menino está bem.

as quais geraram muita polêmica no que diz respeito à palavra bem, e sua função nas frases citadas.

Dos onze(11) professores relacionados, todos colocaram a frase (11) como pertencente ao 1º grupo, ou seja, classificando o Predicado como Verbo-Nominal. Semanticamente, um(1) dos professores interpretou a relação como expressando qualidade, dois (2) como estado e os oito(8) restantes como modo, fato este que podemos considerar como uma prova intuitiva de que o advérbio pode exercer a função de predicativo, fato, aliás, ao qual juntamos farta bibliografia em nosso trabalho.

Fato curioso, entretanto, notou-se com a frase (22), considerada por todos como pertencente ao 3º grupo, classificando-se o Predicado como Nominal.Semanticamente houve menor variabilidade. Dos onze(11) professores, interpretaram a relação como de estado apenas três (3), os oito(8) restantes, como de modo.

Apesar de termos notado, na entrevista, certa indecisão na interpretação semântica das outras frases em relação a estas duas, preferiram os professores não fugir à tradição gramatical de se considerar como verbo de ligação o verbo ESTAR; assim, temos Predicado Nominal na frase (22). Na frase (11) temos um verbo significativo, daí a classificação em Predicado Verbo-Nominal, somando-se também a facilidade na intercalação do

verbo de ligação, ou seja: "Ele chegou e estava bem."

Se no início de nosso estudo especulávamos sobre as possíveis dúvi - das entre os professores com relação à interpretação semântica entre predicativo/sujeito, o questionário vem provar que não é só uma questão de especulação. Não houve, como mostra o quadro de respostas, uma só frase que todos os professores interpretassem da mesma forma.

Como queríamos demonstrar, a caracterização do problema apareceu visivelmente. A gramática tradicional não esclarece a nós, professores, as diferenças semânticas que existem entre os conceitos - ESTADO - MODO - QUALIDADE. Este último, apesar de não haver exemplos claros nas gramáticas normativas, é, ainda que não em alto grau, melhor interpretados pe - los professores, haja vista as frases:

(30) João é inocente.

(31) João é experiente.

onde, ainda assim, se verificou variabilidade. Na frase (30), nove(9) entre os onze(11) professores interpretaram o predicativo como expressando estado; dois (2) como qualidade. Na frase (31), oito(8) consideram estado e três(3)como qualidade. Com as outras frases houve um quase con - senso. O mesmo aconteceu com as frases do 2º grupo, onde a variação foi muito pequena.

O fato de termos escolhido somente a 1ª estrutura que compõe orações do Predicado Verbo-Nominal, segundo a professora Leda Bisol,se justificou. Realmente , percebe-se que a maior concentração de dúvidas se encontra nas frases do Iº grupo, onde a diferença não foi maior, devido, certamente, à filiação de todos nós à gramática tradicional, que não sugere, nem de longe, a presença da significação adverbial nos predicati - vos exercidos pelo adjetivo. Mas, o fato de, nesse grupo de dezenove(19) frases, apenas em uma(1) não aparecer a interpretação de modo, para nós é mais do que suficiente. E mais evidente se torna o fato, uma vez que na questão seguinte, onde se pede mais concretamente a significação do predicativo, apenas com o verbo SER não aparece a interpretação modal , o que será explorado no decorrer desta dissertação.

Quanto à 3ª questão, os objetivos se direcionam na identificação dos

núcleos frasais, assim como no conhecimento e diferenciação de estruturas sintáticas que permitam um melhor entendimento de textos, e também uma melhor elaboração da linguagem.

A 4ª questão revela a preocupação na identificação dos núcleos significativos freqüentemente visíveis com o desdobramento da oração com Predicado Verbo-Nominal, aparecendo o elemento coordenativo entre as orações com verbo significativo e o verbo de ligação. Apoiados na gramática normativa, todos revelam esta preocupação, embora utilizando didáticas distintas (ora de modo empírico, ora revelando aspectos estruturalistas e gerativistas).

O rendimento dos alunos, conforme propõe a questão nº 5, não apresentou surpresas. É um rendimento apenas satisfatório, uma vez que os alunos, como demonstra o resultado dos dados da 5ª questão, apresentam dúvidas em excesso. As dúvidas giram em torno do reconhecimento do predicativo do objeto, seguido pela deficiente distinção entre este e o adjunto adnominal, e, finalmente, em maior número, a confusão entre predicativo e adjunto adverbial de modo, o que vem reforçar a validade de nosso trabalho.

CAPÍTULO II

PREDICADO VERBO-NOMINAL

1 - Tratamento do Assunto nas Gramáticas Normativas

Cegala. 1973. p.218

"Definição:

O predicado verbo-nominal apresenta-se com dois núcleos significativos: um verbo e um nome referido ao sujeito (chamado predicativo do sujeito) ou um verbo com seu complemento e um nome que pode se referir ao sujeito (predicativo do sujeito) ou ao complemento verbal (predicativo do objeto).

Alguns exemplos:

1. O soldado voltou ferido (verbo + predicativo do sujeito)
2. Todos julgam Paulo culpado (verbo + objeto + predicativo do objeto)
3. Assisti à cena estarrecido (verbo + objeto + predicativo do sujeito)."

Mendes de Almeida. 1969. p.381.

"Predicado Verbo-Nominal:
É constituído de:

a) ou de verbo intransitivo e de um predicativo do sujeito:

Ex.: Ele morreu pobre .
Pred. do Suj.

b) ou de verbo transitivo e respectivo objeto mais o predicativo deste objeto:

Ex.: O pai encontro-o pobre.
Pred. do Obj."

Sacconi - 1976. p. 183

"Fernando chegou cansado.

Veja a ligação Sujeito - Predicado

Fernando - chegou

Fernando - cansado

São dois os núcleos existentes no predicado: chegou e cansado. Como um núcleo é o verbo (chegar) e o outro é nome (cansado) o predicado se diz verbo-nominal.

O professor considerou ótimo o meu aproveitamento.

Veja a ligação Sujeito - Predicado

Professor-considerou

e também a ligação Predicado - Predicado

aproveitamento - ótimo

Quando houver apenas ligação - Sujeito - Predicado o predicativo se diz do sujeito; quando houver ligação - Sujeito - Predicado e - Predicado - Predicado, ao mesmo tempo, o predicativo se diz do objeto."

Luft. 1976. p.30

"Predicado Verbo-Nominal:

É o predicado complexo, com um núcleo verbal e outro nominal.

É uma construção sintética, que congloba ou funde duas orações:

O trem [partiu] [atrasado.]

[O trem - estava - atrasado] + [o trem - partiu] →
 1a 2a 3a 1b 2b

[O trem - estava - atrasado - [quando - o trem - partiu]] →
 1a 2a 3a 1b 2b

[O trem - partiu - atrasado]
 1a 2b 3a

Há dois dados novos expressos no predicado: a partida e o atraso (do trem).

O predicativo refere determinado atributo ao sujeito ou ao objeto.

No predicado verbo-nominal:

O trem chegou atrasado.

É a posição 3 nesta estrutura

O trem - estava/chegou - atrasado - quando - chegou
1 2 3
O trem chegou atrasado."
1 2 3

Rocha Lima. 1980. p.208

Predicado Verbo-Nominal ou Misto.

O predicado verbo nominal ou misto tem dois núcleos: um, expresso por um verbo, intransitivo, ou transitivo; outro indicado por um nome, chamado também predicativo.

A razão é que o predicado misto representa a fusão de um predicado nominal. Exprimindo um fato, encerra a definição de um ser.

1. O predicativo se refere ao sujeito da oração

O tem chegou atrasado

onde os elementos resultantes da decomposição seriam:

O trem chegou

e

(O trem estava) atrasado.

2. O predicativo se refere ao objeto direto e, mais raramente, ao indireto, exprimindo, às vezes, a conseqüência do fato indicado no predicado verbal:

A Bahia elegeu Rui Barbosa senador.

como cruzamento das orações

A Bahia eleger Rui Barbosa

e

(Rui Barbosa ficou) senador."

RESUMO

Analisando as explicações dos gramáticos citados, notamos que todos incluem, no Predicado Verbo-Nominal, um nome com função de predicativo que se refere ao sujeito. Não são, porém, muitos claros, em explicar que relação é essa.

Luft diz que o predicativo refere ao sujeito ou ao objeto um "determinado atributo."

Lima diz que, no PVN*, há a fusão de um predicado nominal e um predicado verbal. " Exprimindo um fato, encerra a definição de um ser". Ou ainda, que o predicativo "exprime, às vezes, a conseqüência do fato indicado no predicado verbal", conseqüência essa que parece nascer da introdução do verbo ficar, como verbo de ligação. Veja-se o exemplo dado.

Os outros gramáticos explicam a relação em parágrafos diferentes, onde tratam do predicativo separadamente e que mostraremos posteriormente, no decorrer de nossa exposição.

A impressão que temos, observando a apresentação dos gramáticos, é que esse assunto precisa ser melhor explorado, elucidando-se a relação existente entre os nomes que ocupam as funções de sujeito e predicativo, um estudo das relações internas entre essas palavras, isto é, uma análise que leve em consideração não somente o aspecto sintático, como também e, principalmente, o semântico, dado que o estudo de relações objetiva, finalmente, a compreensão global da frase.

2 - Abordagem Gerativo-Transformacional

Os tipos de oração em que nos baseamos para a demonstração que aqui será apresentada coincide com aqueles que Leda Bisol considerou pertencentes à Estrutura I de um total de cinco estruturas por ela estudadas, em seu trabalho - PREDICADOS COMPLEXOS DO PORTUGUÊS- Uma Análise Transformacional.

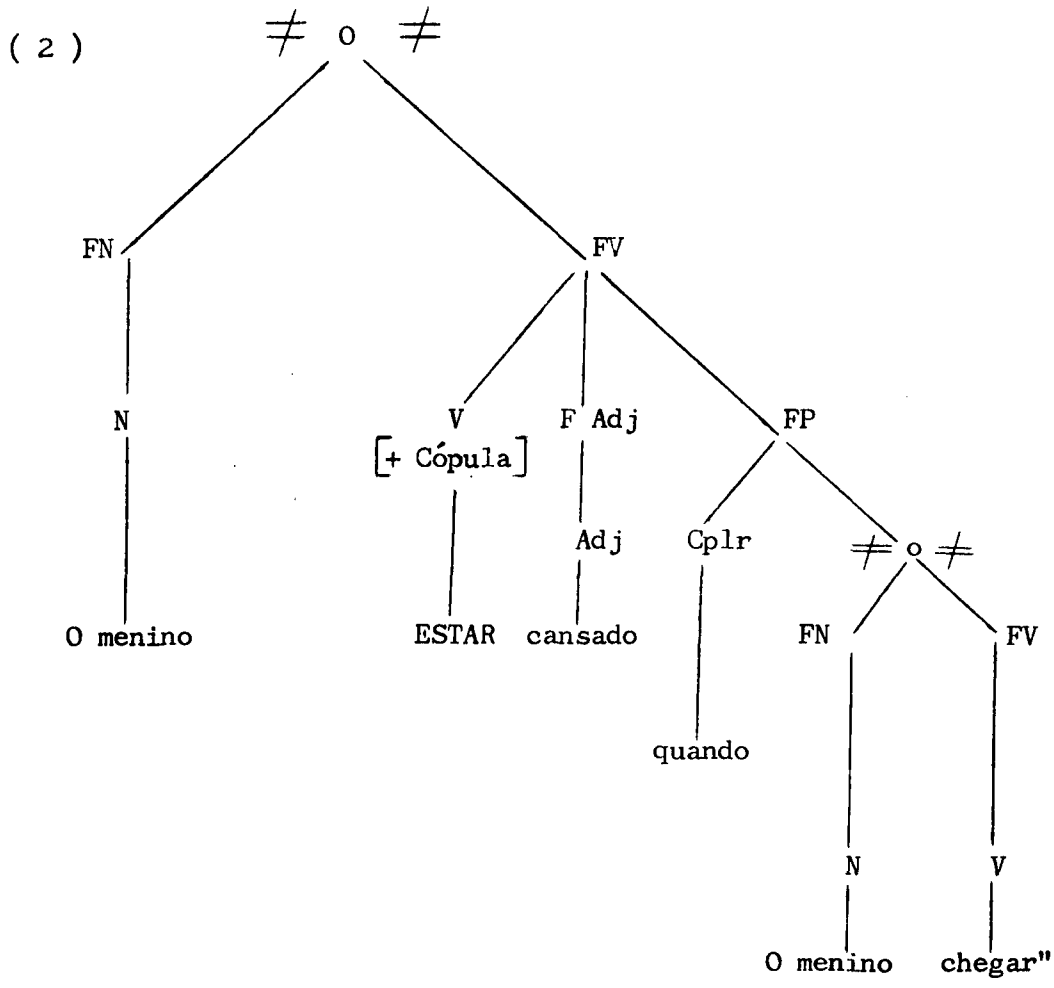
Salientamos que nosso trabalho se restringirá à análise das orações pertencentes à Estruturas I, ou seja, àquelas em que a gramática considera a existência de um adjetivo em função de Predicativo do Sujeito. Nessa estrutura, ao que nos parece, é que se registra maior intensidade de dúvidas, quanto ao problema por nós levantado.

(*) - A partir daqui, a título de simplificação, faremos referência ao predicado verbo-nominal como PVN.

Segundo Leda Bisol, esse tipo de oração

> "tem por origem o esquema de duas orações simples em relação de dominância. Uma matriz com adjetivo, que expressa propriedade não inerente, domina uma constituinte de verbo de atividade. E na estrutura subjacente intermediária, remete o (SIC) sentido de contemporaneidade, o complementizador (Cplr), equivalente ao sintagma preposicional em momento X, que vai registrado no formativo quando (...).
>
> É necessário que se perceba que o componente sintático pode estabelecer diferenças ou variações de significação não reveladas pela forma externa. E que combinações de palavras consolidam um sentido que se chama estrutural, referente ao processo de arranjamento de vocábulos na sentença.(...)" pp. 17-18
>
> "(1) O menino chegou cansado.
>
> A estrutura subjacente de (1) pode ser observada no diagrama de árvore (2).

(2)



(1975-pp.17 e 18)

"Os enunciados que se analisam por esse modelo caracterizam-se pelos seguintes aspectos:

1. O verbo da oração mais alta é a cópula ESTAR.
2. O adjetivo tem o traço menos inerente, que se justifica através da cópula ESTAR.
3. O verbo da oração mais baixa, a que se impõe o traço não estático, assume, por alçamento, também o traço cópula, tornando-se por esse procedimento um verbo misto, assim chamado tradicionalmente.
4. A passiva, em caso de objeto presente, fica bloqueada pelas razões expressas no item precedente.
5. As duas orações da estrutura profunda estão em relação de contemporaneidade, expressa na estrutura profunda pelo complementizador:
   quando, enquanto ou no momento que." (1975 -p.30).

Através de testes sintáticos a autora chegou à conclusão de que é inadequado afirmar que esse adjetivo é equivalente a um advérbio.Exemplifica:

"(19) A menina chegou feliz.
(20) A menina chegou felizmente.
A substituição de um pelo outro dá orações distintas, sobre (SIC) o ponto de vista semântico e sintático." (1975 - pp. 24 e 25).

Passemos agora a analisar e discutir essas conclusões de Leda Bisol.

2.1 - Semelhança entre Estado e Modo

Concordamos com Leda Bisol no que se refere à substituição de um adjetivo por um advérbio. Realmente não há equivalência.

Entretanto, existe certa semelhança entre os dois, semelhança essa que é percebida intuitivamente por nossos alunos, e que se reflete na confusão e na dúvida em analisar sintaticamente essas palavras, principalmente o adjetivo no Predicado Verbo-Nominal.

Achamos que a conclusão de Leda Bisol sobre esse assunto não nos é suficiente, uma vez que ela deixa em aberto a discussão sobre orações que superficialmente são semelhantes mas que não se ajustam ao mecanismo por ela estudado, como, por exemplo:

(7) João nasceu rico.

(8) Maria morreu afogada.*

(9) O cozinheiro assou a carne rápido.

(*) - O exemplo (8) é de Leda Bisol - p.24

a oração (8), por exemplo, segunda ela, equivale a

(10) Maria morreu por afogamento.

Nossa colocação é a de que a estrutura apresentada por Leda Bisol, portanto, é, até certo ponto, incompleta, pois não dá conta de certas relações significativas observadas na Estrutura Profunda.

Esses significados se derivam de duas categorias, adjetivo e "cópula", que irão merecer atenção especial de nossa parte.

2.2 - O Adjetivo

Não é objetivo nosso fazer um estudo exaustivo dessa categoria; pretendemos, sim, mostrar certos aspectos relevantes ao nosso estudo, no que concerne à função de predicativo que essa categoria exerce.

Segundo Leda Bisol, os adjetivos que entram na estrutura I e que exercem função predicativa

> "são aqueles que expressam propriedade não inerente, especificados pelo traço ocasional, que ocorrem com estar, como triste, vitorioso, atrasado e outros". (1975 - p.29)

No dizer de Sumaia S,R. Sahade in ALGUMAS PROPRIEDADES SINTÁTICAS DE ADJETIVOS EM PORTUGUÊS (UFRJ - 1974)*, na função de predicativo, com verbo nominal intransitivo, cuja estrutura é a mesma a que estamos nos referindo, nas orações do tipo:

> "O menino dorme tranqüilo
> o adjetivo encerra sempre, mais ou menos acentuada, uma noção adverbial." (1974 - p.5)

Surge então a primeira suposição: os adjetivos não inerentes, embora sintaticamente não se equivalham ao advérbio, semanticamente, porém, encerram a noção adverbial, se assim se pode dizer (considerando a definição nocional do advérbio).

De onde vem, entretanto, essa noção adverbial, e por que é mais acentuada em determinada frase?

Sahade, na obra citada, apresenta uma divisão dos adjetivos em clas-

---

(*) - Dissertação de Mestrado, inédita, a nosso conhecimento.

ses de I a V; os da classe I são aqueles que participam de uma estrutura formada dos constituintes/FN Cop Adj/, sendo que a relação do Adj com a FN constitui uma afirmação categórica, absoluta.

Ex.: O vestido é branco.

A classe II é constituída por um número reduzido de adjetivos que ocorrem em posição pré-nominal.

Ex.: Elé é um simples cantor.

Os adjetivos pertencentes à classe III são os que exercem uma modificação relativa do nome, pois modificam o nome somente em relação a uma atividade verbal.

Ex.: Ele é um pintor hábil. (que pinta habilmente)

Os adjetivos da classe IV são os que apresentam como característica básica a propriedade sintática de serem transitivos,

Ex.: Ela está ansiosa para prestar exames.

que, de alguma forma, se relaciona com

Ela anseia prestar exames.

Ela tem ansiedade de prestar exames.

Finalmente os adjetivos da classe V são aqueles que funcionam como atributo de uma sentença, como:

Ex.: Resolver este problema é fácil.

Uma observação importante feita por Sahade e que nos interessa sobremaneira é a ocorrência com esses adjetivos dos verbos SER e ESTAR. Para ela, os adjetivos da classe II ocorrem só com SER, os da classe III e os da V com SER ou ESTAR sem modificação do seu próprio sentido. Os adjetivos da classe IV ocorrem só com ESTAR; quando ocorrem com SER, pertencem à classe I.

Trataremos dessa ocorrência no capítulo III.

Da divisão por classes feita por Sahade chamaram-nos atenção os adjetivos pertencentes à classe III, como feliz, fraco, hábil, lento e rápido, que

> "possuem em comum a característica de parecerem ser modificadores de uma ação verbal morfologicamente recuperável através do nome relacionado com estes adjetivos.

> Ele é um bailarino lento.
> Ele é um que baila lentamente.
> Estes adjetivos mantêm o caráter adverbial mesmo relacionados com nomes que não sejam derivados de verbos, daí sua pertinência semântica. Contudo, é possível perceber a presença dos verbos que explicam a derivação dessas frases. Muitas vezes eles são facilmente deduzíveis.
> Por exemplo:
> Cavalo rápido - Cavalo que anda rapidamente."(1974-p.13)

Diz ela ainda que:

> " em tais casos os adjetivos se relacionam com verbos nulos, embora semântica e sintaticamente necessários." (1974-p.14)

Parece-nos que essa proposta explica a sentença

(9) O cozinheiro assou a carne rápido.

em oposição a

(10) O cozinheiro assou a carne limpo.

A sentença (10) se ajusta ao mecanismo estudado por Bisol,

(11) O cozinheiro estar limpo quando assar a carne.

a sentença (9), não.

São sentenças superficialmente semelhantes mas que se derivam, pois, de estruturas profundas diferentes.

Para (9) proporíamos, então:

(12) [Ele é um [que assa rapidamente].]

Mostrando de outra forma, diríamos que não existe o mesmo grau de coesão entre nome e adjetivo nas duas sentenças

- cozinheiro limpo
- cozinheiro rápido

o que talvez justifique a concordância ou ausência dela na estrutura superficial.

(13) A cozinheira assou a carne limpa.

(14) A cozinheira assou a carne rápida.

O adjetivo rápido, segundo Sahade, está entre aqueles que

> "não são modificadores categóricos dos nomes. Eles modificam o nome somente em relação a uma atividade verbal."(1974-p.16)

Parece-nos que este fato explica, pelo menos para certas frases, de onde vem a noção adverbial.

Por exemplo:

(15) O menino dorme tranqüilo

- menino tranqüilo

(16) menino que dorme tranqüilamente

(17) menino que estuda tranqüilamente

(18) menino que trabalha tranqüilamente

(19) menino que brinca tranqüilamente

exemplificando com frase em que o nome não é derivado de verbo, e mesmo assim o adjetivo conserva o caráter adverbial.

Exemplificando mais detalhadamente o exemplo (10) temos:

(10) O cozinheiro assou a carne limpo

- cozinheiro limpo

(20) Ele é um cozinheiro limpo

(21) Ele é um que cozinha limpamente

(22) Mônica beijou o namorado encabulada

- Mônica encabulada

(23) Ela é uma que beija encabuladamente

(24) Ela é uma que dança encabuladamente

(25) Ela é uma que joga encabuladamente

exemplificando com nomes próprios, que certamente não derivam de verbos, temos:

(8) Maria morreu afogada.

- Maria afogada

(26) Ela é uma que morreu afogadamente

Obs.: Para essa frase sugerimos apenas o verbo morrer, tendo em vista a relação de inerência entre a morte e o afogamento.

(7) João nasceu rico

- João rico

(27 Ela é um que nasceu ricamente

(28) Ele é um que viveu ricamente

(29) Ele é um que morreu ricamente

(30) Ele é um que divertiu-se ricamente

Obs.: Salientamos haver nessas orações um aspecto exterior, eventual ou circunstancial para as relações entre o nome sujeito e o nome que o qualifica ou modifica.

Supomos que mesmo a frase que Bisol usa para demonstrar a estrutura I se ajusta a esse mecanismo.

(1) O menino chegou cansado.

- menino cansado

(31) Ele é um que chega cansadamente

(32) Ele é um que dorme cansadamente

(33) Ele é um que corre cansadamente

(34) Ele é um que caminha cansadamente

Consideramos essa explicação válida na medida em que ela justifica certas orações que, no dizer de Bisol, "admitem o advérbio, mas não o adjetivo..

(25) a) Maria morreu lentamente

b) Maria morreu lenta." (1975 - p.25)

O adjetivo lenta, segundo Sahade, enquadra-se somente na classe III, isto é, só se refere ao nome mediante uma atividade verbal.

Compare-se:

(35) Maria é feliz.

(36) Maria é lenta.

A frase (35) diz que "Maria é feliz", e nós entendemos que a felicidade de Maria independe de ela estar ou não praticando uma ação. Enquanto que em (36) supõe-se que "Maria é lenta" ao praticar determinada ação, só assim poderá ser comprovada a lentidão de Maria.

Por exemplo:

(37) Maria é lenta ao trabalhar.

(38) Maria é lenta ao costurar.

(39) Maria é lenta ao lavar.

(40) Maria é lenta ao raciocinar.

mas não

(41) Maria é lenta ao morrer.

Justificamos, então, dessa forma, a oração (25 a) que só admite o advérbio, pois, como diz Sahade,

> "... as estruturas sintáticas em que certos adjetivos podem ocorrer não são adequadas para a ocorrência de outros ou, quando são, mudam o sentido do contexto sintático." (1974 -p.4)

A frase (25b) "Maria morreu lenta" tem a seguinte interpretação:

(42) A morte de Maria foi lenta.

onde podemos constatar que o adjetivo se refere ao substantivo morte, da mesma forma que em (25a) lentamente se relacionou ao verbo, razão porque não se constitui o predicado da oração Verbo-Nominal e sim apenas Verbal.

Além dos fatos que mostramos, que parecem evidenciar a noção adverbial e até justificar sua presença nos PVN, procuraremos outros modos de semelhança entre adjetivo o advérbio ou entre as funções de predicativo e adjunto adverbial de modo, que são nossa preocupação básica.

Estudando as orações adjetivas, Maria Céli Beraldo Pazani, em - O ADJETIVO - UM PROBLEMA SINTÁTICO (1978), vê nestas orações um sentido adverbial.

> "Quando uma sentença como
> Os funcionários, que conhecem o regulamento da firma, o apoiaram naquela decisão.
> com sentido adverbial sobre transformações que a reduzem a um simples adjetivo, este adjetivo não é um adjunto adnominal; prova disto é que se ele sofrer uma transformação de extraposição, ficará anteposto à locução nominal inteira e não ao nome simplesmente." (1978 - p.82)

Segundo a N.G.B., informação contida na obra de Pazani,

> " o adjetivo, na função de predicativo, também não pode ocorrer anteposto ao nome, poderá vir anteposto à locução nominal toda.
>
> 156a. O menino chega cansado.
> 156b. Chega o menino cansado.
> 156c. Chega cansado o menino.
> *156d. O cansado menino chega.
> *156e. Chega o cansado menino" (1978- p.101)

Observamos que a impossibilidade da colocação do adjetivo anteposto ao nome se justifica pela mudança semântica que ocorre. Em (156d) e (156e) o adjetivo revela uma qualidade estável, categórica, inerente ao sujeito menino, e que se observa pela presença do verbo SER.

(43) Chega o menino que é cansado.

(44) O menino que é cansado chega.

Realmente, nessas orações não se sente a noção adverbial, conforme observamos no capítulo III.

Apresentamos então uma segunda suposição.

O adjetivo, na função de predicativo, pode ocupar as mesmas posições na frase que o adjunto adverbial de modo, o que faz aumentar mais as semelhanças entre eles. Com exceção da posição anteposta somente ao nome, todas as outras são possíveis. Comparando com as frases (156a-e) acima:

(45) O menino chegou depressa.

(46) Chegou o menino depressa.

(47) Chegou depressa o menino.

(48) Depressa o menino chegou.

(49) O menino chegou bem.

(50) Chegou o menino bem.

(51) Chegou bem o menino

(52) Bem o menino chegou

As frases (45) ...(52) são também, nos parece, frases que evidenciam a possibilidade de o advérbio poder ocupar sem problemas a função de predicativo.

Esta possibilidade do advérbio é assunto polêmico entre os gramáticos, e queremos salientar que nos colocamos ao lado daqueles que aceitam o advérbio como predicativo, tal como José Rebouças Macambira, em A ESTRUTURA MORFO-SINTÁTICA DO PROTUGUÊS (1978) (com uma visão estruturalista).

É o próprio Macambira quem diz que o advérbio, embora muitos gramáticos o contrariem, inclusive Rocha Lima, pode ser predicativo, a palavra invariável pode ser predicativo! Ele cita ainda, no reforço dessa hipótese, Hermann Paul in PRINZIPIEN DER SPRACHGESCHITE, onde o autor pro

clama que o advérbio desempenha facilmente a função do adjetivo, bem como do predicativo. Cita ainda outros autores como Albert Sechehaye, Charles Hockett, Alan Gardiner, que endossam essa possibilidade. O que significa que a simples possível distinção formal não satisfaz.

Se, por um lado, há orações que superficialmente são semelhantes, mas que não se ajustam ao mecanismo estudado por Leda Bisol (Vide p.27), isto é, orações que têm adjetivo mas que não aceitam a cópula estar na estrutura profunda, existem orações com advérbio que a aceitam satisfatoriamente e outras que também não a aceitam.

Podemos dizer que as frases (49)...(52) (cf.p.34)

O menino chegou bem. (e suas variações)

têm como estrutura subjacente a seguinte:

(53) O menino estar bem quando o menino chegar.

Poderíamos citar outras, como:

(54) O menino chegou assim.

(55) O menino estar assim quando o menino chegar.

(56) O menino chegou devagar.

(57) O menino estar devagar quando o menino chegar.

E o que dizer do termo alerta?

(58) O menino chegou alerta.

(59) O menino estar alerta quando o menino chegar.

ou do termo só?

(60) O menino chegou só.

(61) O menino estar só quando o menino chegar.

Segundo Napoleão Mendes de Almeida - 1969 - (pp.294-5)

> "(4) Alerta, como advérbio, significa atentamente. Emprega-se também como adjetivo (=vigilante, atento):
>
> "Eles estavam alertas" -"Os editores, sempre alertas diante de séries duvidosas...".
>
> (10) Só pode ser advérbio e adjetivo: Como advérbio, significa somente, unicamente:"Eu só (somente) fiz o que você pediu!"
>
> Como adjetivo, significa sozinho: "Eu, só (=sozinho), fiz o que você pediu". A vírgula, no segundo exemplo, vem dar a só

o valor de adjetivo."*

Obs.: O gramático cita alerta como advérbio mas não exemplifica com frase.

Como adjetivo, por que a flexão só se faz em número?

Para o adjetivo ou advérbio só, a distinção está, apenas, na pausa (vírgula).

Essas observações se fazem necessárias na medida em que estamos tentando mostrar que, superficialmente, há diferenças morfo-sintáticas entre advérbio e adjetivo, mas que, semanticamente, é bastante difícil demonstrar tais diferenciações ou não existe uma distinção explícita, como se pode notar pelas afirmações abaixo:

1 - O termo qualidade aparece nas definições de um e outro:

"Ele está bem - advérbio de qualidade."

Eduardo C.Pereira (1941,p.215)

"A maioria dos advérbios terminados em - mente, expressam também qualidade; outros que não terminam em - mente, como bem ou mal, expressam também qualidade." Macambira (1978, p.38)

" O enfermo está bem; - modo". Macambira (1978, p.203)

Queremos salientar que esse problema do uso dos conceitos qualidade e modo será explorado em páginas posteriores.

2 - A palavra modifica ou modificador também é usada tanto para adjetivo como para advérbio.

3 - Apenas a palavra modo é usada para determinados advérbios, ou seja, os advérbios de modo.

Essas constatações nos fizeram direcionar nosso estudo na busca da natureza dos advérbios. Segundo Mattoso Câmara Jr. (1974, pp.158-9),

> "não se trata de uma classe de vocábulos na base do critério semântico. Caracteriza-os, de um lado, o seu funcionamento para melhor particularizar o sentido da frase e, de outro lado, a circunstância de serem partículas pronominais, clíticas, ou

---

(*) - Tendo em vista a data da publicação - 1969 - antes, portanto, da última reforma ortográfica, atualizamos a grafia de algumas palavras, no que se refere à acentuação.

> nomes fixados num dado caso e especializado para esse funcionamento."*

Morfológica e semanticamente, as dez classes gramaticais, apresentadas pela gramática tradicional, podem se resumir em apenas três, conforme Mattoso Câmara Jr. (1974, p. 158)"... as três classes essenciais de vocábulos quanto ao aspecto semântico, ou da significação são: 1) NOMES; 2) VERBOS; 3) PRONOMES."

Os advérbios, portanto, segundo Mattoso, são de natureza ora pronominal, quando têm a função de situar o evento comunicado no espaço ou no tempo em relação à posição espacial ou temporal do falante, ora de natureza nominal, quando marcam modos de ser do evento. São os chamados advérbios modais.

Na classe dos nomes, junto às categorias de substantivos e adjetivos, conforme o autor já citado, estão, portanto, também os advérbios, mais precisamente os advérbios de modo de natureza nominal.

Interessante notar, entretanto, que mesmo pertencendo a uma mesma classe semântica, funcionalmente há uma maior aproximação entre adjetivo e advérbio. Ambos são elementos modificadores. O adjetivo será o nome, elemento modificador (atributo) de outro nome. O advérbio será o nome numa função especial e complementar modificadora de um verbo ou nome.**

Baseada nessa ação modificadora de adjetivos e advérbios é que, nos parece, Sahade classificou alguns adjetivos como modificadores do nome a través do verbo. Entretanto, por esse processo há uma adjetivização do advérbio, conforme ela mesma concluiu, processo esse que não achamos fundamentado, motivo pelo qual ainda preferimos adotar a tese de George Lakoff - (1972), cuja proposta é a de que "o advérbio de modo é obtido por meio de transformações sendo que este deriva de um adjetivo na estrutura

---

(*) - Na transcrição do trecho de Mattoso Câmara Jr. foi atualizada a acentuação gráfica, que, apesar da data de publicação do livro, 1974, não foi corrigida.

(**) - A função modificadora é encontrada em Mattoso Câmara Jr. em Princípios de Lingüística Geral, 1974, pp. 158-9.

profunda".*

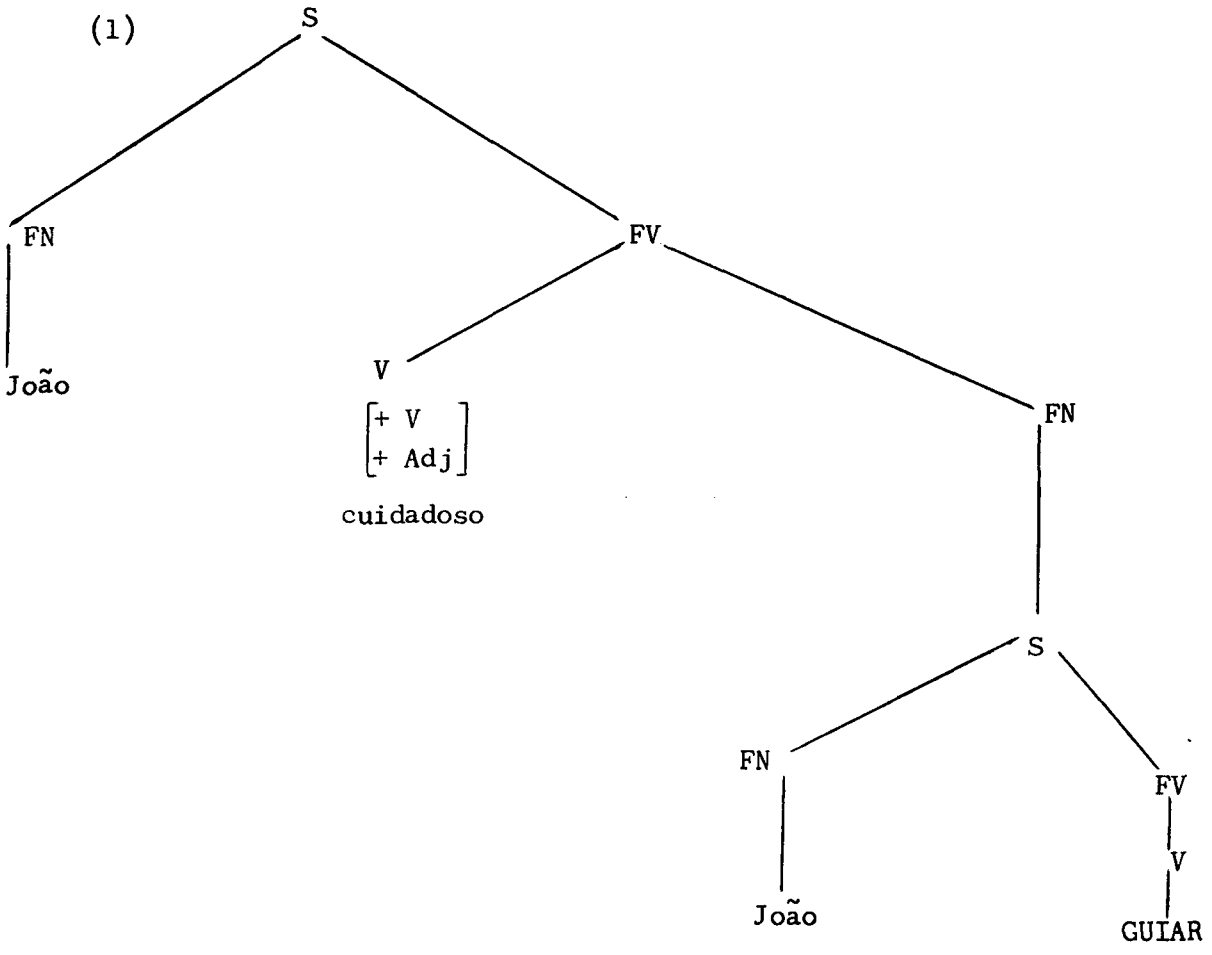
Essa orientação contraria Chomsky, segundo o qual o advérbio participa da subcategorização verbal, apresentando-se já especificado na estrutura profunda; Lakoff, por sua vez, apresenta-o como produto de uma transformação.

Segundo a proposta de Lakoff, para uma frase como:

(62) João guia cuidadosamente.**

teríamos a seguinte estrutura subjacente:

(1)



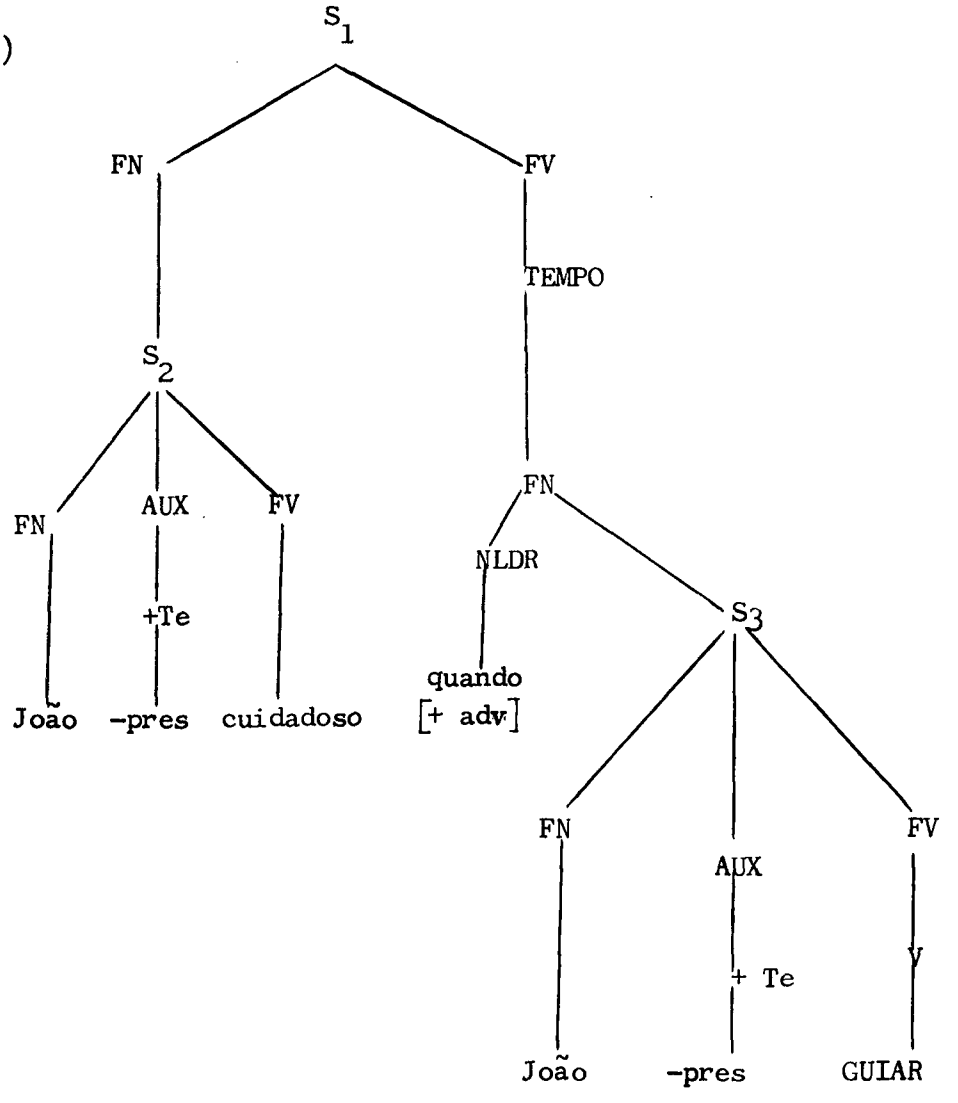
(*) - Se bem que, nesta linha de raciocínio, seria mais real colocar substantivo, adjetivo e advérbio numa categoria mais abstrata ou neutra. Apud - Terezinha Maria Tivelli Lanza, em ADVÉRBIOS MODAIS E AVALIATIVOS NO PORTUGUÊS - (1978, p. 46). Dissertação de Mestrado na PUC de Campinas, inédita a nosso conhecimento.

(**) A numeração da frase é desta dissertação tendo em vista a facilidade de exposição.

Entretanto, essa estrutura profunda não dá conta da simultaneidade que acreditamos existir entre dois acontecimentos. Para solucionar esse problema, Lanza propõe algumas alterações que transcrevemos abaixo

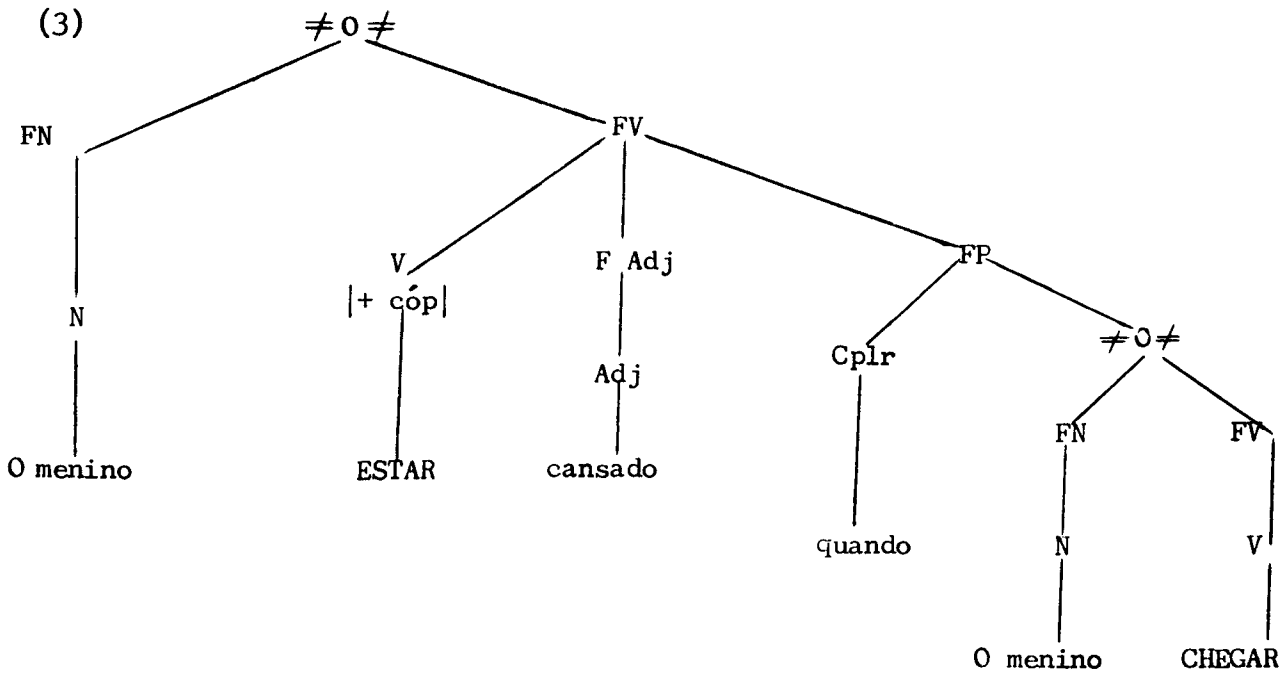
(62) João guia cuidadosamente.

(2)



Introduzindo o elemento tempo, o nominalizador e o auxiliar, a árvore acima nos parece ser uma representação ainda mais abstrata que a apresentada por Bisol, cuja árvore (que transcrevemos a seguir para facilitar a leitura) consideraríamos apenas como uma das etapas, a partir da proposta acima, para se chegar a superficialização.

(3)



As regras para chegar à superficialização das duas sentenças:

(62) João guia cuidadoso (-mente)

(01) O menino chegou cansado.

foram as mesmas, guardando, certamente, diferenças devido à representação na estrutura profunda, ou seja:

1 - cancelamento dos sujeitos idênticos;

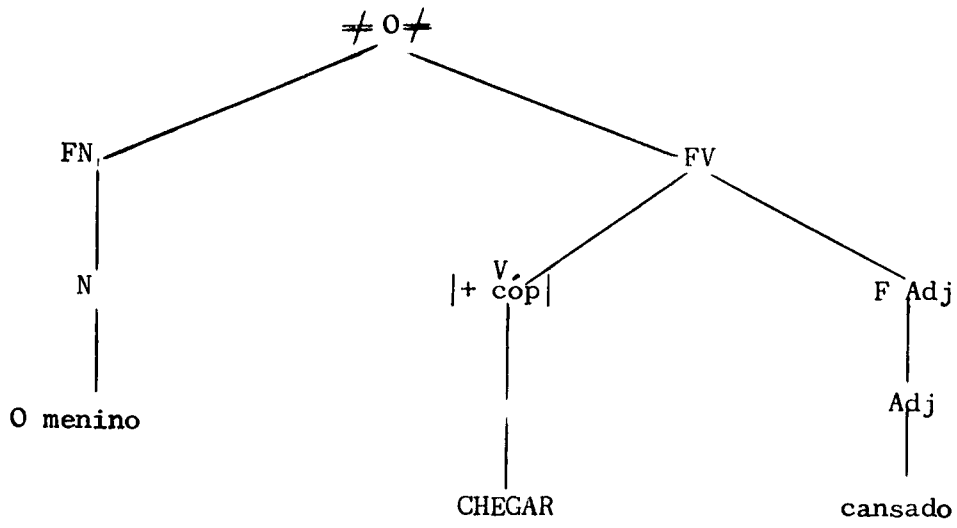
2 - transformação infinitiva: $[a\ o\ INF]^f$ (opcional);

3 - transposição ou extraposição do FV chegar ou do FV cuidadoso e o apagamento do complementizador ou nominalizador;

4 - aplicação da regra Tree - Pruning.

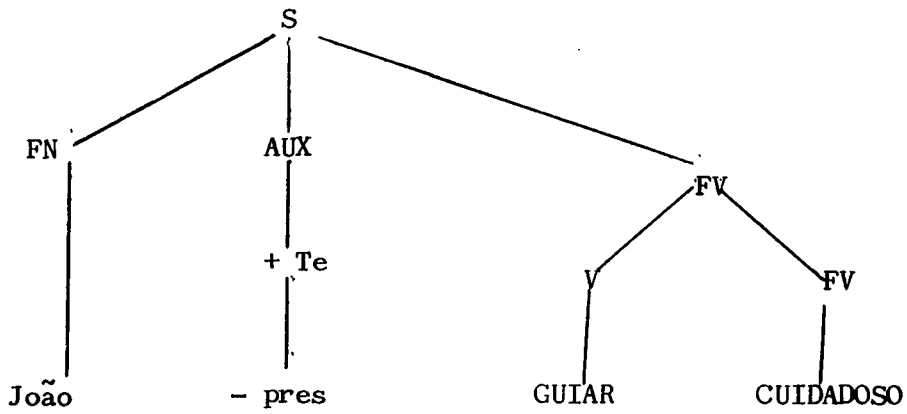
Resultando, então, para Leda Bisol:

(4)



e para Lanza:

(5)



Nessa etapa da derivação, através de uma regra facultativa é que seria introduzido o elemento afixal -mente à esquerda de CUIDADOSO, produzindo então:

(62) João guia cuidadosamente.

Acontece, porém, que existem frases que não se ajustam a esse mecanismo. Assim, Lanza propõe ainda uma outra estrutura subjacente para abrigar frases que, segundo ela, contêm adjetivos que devem ter como su-

jeito na estrutura profunda uma sentença. As frases que se ajustam ao mecanismo anterior são frases que contêm adjetivos que possuem como sujeito, na estrutura profunda, um nome.

Acreditamos ser esse o motivo pelo qual algumas frases também não se ajustam ao mecanismo proposto por Bisol, que, na verdade, seria somente uma etapa do mecanismo proposto por Lanza. Frases como:

(63) João mora confortavelmente. (Lanza)

(64) A maçã apodreceu lentamente. (Lanza)

(65) Maria morreu lentamente. (Bisol)

não são sinônimas de:

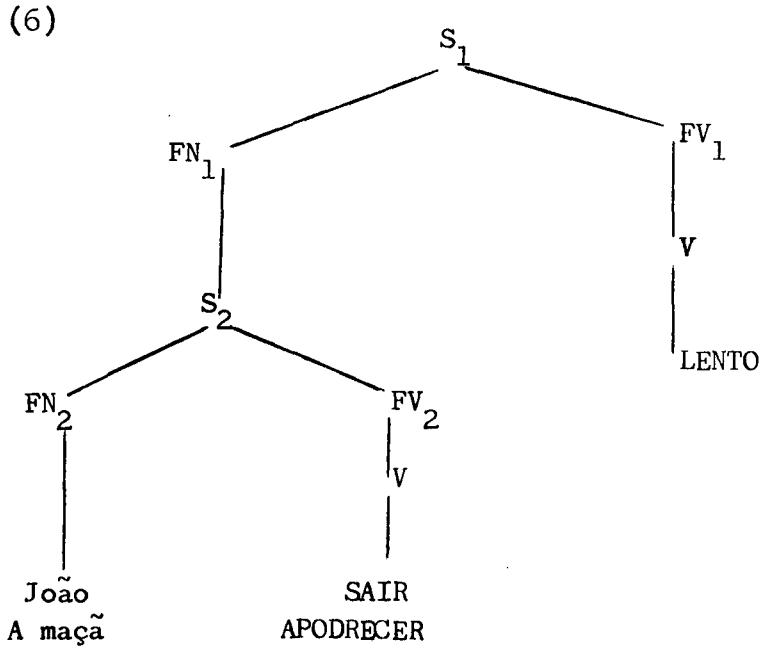
(66) João é confortável ao morar. (Lanza)

(67) A maçã é lenta ao apodrecer. (Lanza)

(68) Maria é lenta ao morrer. (Bisol)

Sendo assim, Lanza propõe uma outra estrutura profunda para frases onde o adjetivo tem como sujeito, na estrutura profunda, uma sentença.

(6)



O problema que se segue é que dessa estrutura profunda se extrairão superficializações como:

(69) João foi lento ao sair

mas agramaticais como:

(70) A maçã foi lenta ao apodrecer.

ou

(71) João foi lento ao cair.

(72) Maria foi lenta ao morrer.

fato que pressupõe que, para ser aplicada a regra de extraposição de uma FV dominada por adjetivos tendo como sujeito na estrutura profunda uma sentença, parece haver uma condição: a de que o sujeito dessa FV conte - nha o traço [+ agentivo].

Queremos ressaltar que esse tipo de adjetivo (para Lanza, do 2º grupo) parece se assemelhar aos que Sahade classificou como pertencentes à classe III, isto é, adjetivos que não são modificadores categóricos dos nomes; eles modificam o nome somente em relação a uma atividade verbal. (Vide p.30).

Esta proposta vem esclarecer também que (ao se falar em adjetivos que possuem como sujeito, na estrutura profunda, uma sentença) estes adjetivos não serão aqueles que irão derivar advérbios modificadores de uma sentença, os quais, segundo ela, não são modais e sim avaliativos. Essa diferença, que se constitui na temática de sua dissertação, vem também esclarecer o porquê de, sintagmaticamente, ser impossível, em determinadas frases, a substituição de um adjetivo por um advérbio dele formado através do acréscimo do sufixo - mente, a exemplo de:

(73) A menina chegou feliz.

(74) A menina chegou felizmente.

como mostrou Leda Bisol (p.27 desta dissertação, à qual remetemos o leitor).

O advérbio felizmente, na sentença (74) não é um advérbio de modo e sim avaliativo, pois supõe o envolvimento do elocutor no momento da enunciação, aí sim modificando toda a sentença.

Segundo Lanza, entretanto, mesmo este tipo de advérbio tem na sua

estrutura profunda um adjetivo.*

RESUMO

Nesta etapa da dissertação, convém resumir as idéias exploradas até aqui e apresentar algumas conclusões a respeito.

A origem da confusão, por parte do falante da língua, no nosso caso os alunos das classes de 2º grau, entre função predicativa e função adverbial parece estar ligada sobremaneira à divisão das categorias feitas apenas do ponto de vista funcional e não do semântico.

Levando-se em consideração o aspecto semântico, enquadramos, na categoria de nomes, "adjetivos" e "advérbios". Ambos são elementos modificadores, surgindo desse fato a afinidade entre os dois.

As gramáticas tradicionais apresentam os adjetivos como qualificativos dos substantivos e os advérbios como modificadores de verbos, adjetivos e dos próprios advérbios. Exemplos há, todavia, tomando como base o aspecto formal, mostrando que podemos ter sentenças contrariando essas definições, isto é, adjetivos modificando verbos e advérbios modificando substantivos, como:

"a) Fale claro, por favor (adjetivo como advérbio - claramente)
b) Homens assim mudarão a face da terra - (advérbio como adjetivo: homens semelhantes, homens tais". Macambira - (1978 - p. 205)

O nome, pode, portanto, funcionar como determinante ou modificador de um outro nome ou um verbo, sob a forma superficial de "adjetivo" ou "advérbio", categorias morfológicas definidas segundo a gramática tradicional.

Por outras palavras: Se a forma adjetival também pode se referir ao verbo e se a forma adverbial também pode se referir ao nome (substantivo), e se esta forma é um produto de transformações tendo aquela como origem, conforme Lakoff e Lanza, podemos dizer então: no PREDICADO VERBO-

---

(*) - A existência do adjetivo na estrutura profunda de advérbio avaliativo está presente em LANZA - p. 69.

NOMINAL temos um nome que, através de um processo de simultaneidade, se refere ao substantivo (sujeito) e ao verbo, modificando-os, sem contudo, precisar alterar a forma, de adjetivo para advérbio. A alteração é facultativa em casos onde existe maior coesão de um nome para outro, isto é, onde um nome tem como sujeito outro nome, e é obrigatória quando, tendo como sujeito a sentença, este sujeito tem o traço [- agentivo].

A alteração, portanto, de adjetivo para advérbio de modo é um problema exclusivamente sintático. A segunda estrutura profunda proposta por Lanza justifica o fato de, em certas frases, podermos ter o advérbio, como é o caso da terceira justificativa de Bisol para comprovar a não equivalência de adjetivo e advérbio, fato a que já nos referimos e com o qual concordamos. Quando Bisol diz que:

" 3 - Há orações que admitem o advérbio, mas não o adjetivo:

(25) a) Maria morreu lentamente.

b) Maria morreu lenta."(1975 - p. 25)

trata de uma possibilidade sintática, hipótese que não exclui a identidade semântica entre as duas classes gramaticais e sua mesma origem.

Outra explicação que surge das hipóteses de Lanza se refere à frase

(8) Maria morreu afogada.

onde afogada não tem como sujeito o termo Maria e sim toda a sentença, e cujo sujeito possui o traço [- agentivo.]

Nesse caso, segundo ela, teria que haver a alteração do adjetivo para advérbio. Como nessa frase a alteração não se efetuou e nem assim o significado ficou prejudicado, conclui-se que o adjetivo, em sua forma própria, também nos remete à significação adverbial, pressentida nitidamente nesse exemplo.

Sendo assim, da mesma forma que advérbios funcionam como predicativo, adjetivos funcionam como adjuntos adverbiais de modo, pois entre eles existe a identidade funcional de modificador.

O nome terá uma função principal de modificador de outro nome, quando esta modificação for categórica, absoluta (adjetivo com o traço [+ inerente] e uma função complementar e especial de modificador do nome ou verbo quando essa modificação depender de uma situação (adjetivo com o

traço [- inerente], confirmando nossa primeira suposição. (V.p.28)

Esses últimos são os nomes que aparecem no P.V.N., não importando a forma com que se apresentarem, se de adjetivo ou advérbio.

Portanto, se existe uma diferença, ela está entre os tipos de predicado; o Verbal, o Nominal e o Verbo-Nominal, este último comportando o elemento temporal simultaneidade, que surge da fusão dos outros dois e que o caracteriza, e não da função que o nome exerce, tradicionalmente, isto é, predicativo ou adjunto adverbial de modo. O que é relevante é que esse nome tem uma função modificadora, e não a terminologia que recebe, a qual poderia até ser discutida.

Temos de considerar ainda o fato da aceitação por parte do falante acostumado com certas regras de colocação dos termos que lhe foram impostas levando em consideração categorias gramaticais hoje discutidas.

Dessa forma, por que não aceitar frases como:

(75) João saiu lento.*

onde o adjetivo tem como sujeito uma sentença na estrutura profunda e cujo sujeito possui o traço [+ agentivo], não sendo, portanto, obrigatório o acréscimo do sufixo -mente.

Ou frases como:

(76) O cozinheiro assou a carne limpamente.

onde, se existisse, ao invés do advérbio, o adjetivo, este teria como sujeito o nome, sendo facultativa, portanto, a regra que associa o sufixo-mente.

O contrário se dá na frase:

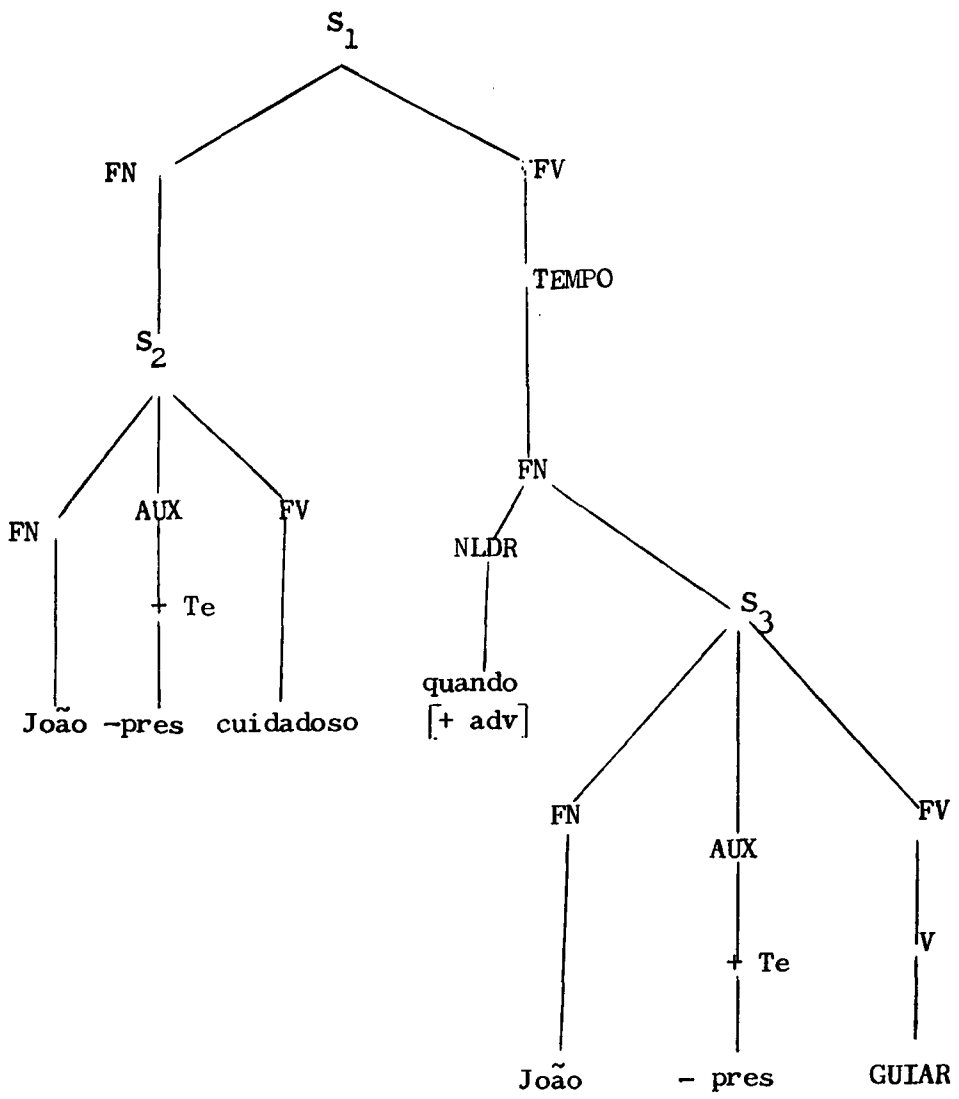
(9) O cozinheiro assou a carne rápido.

onde o adjetivo tem como sujeito toda a sentença na estrutura profunda e o sujeito possui o traço [+ agentivo] não sendo, portanto, obrigatória

---

(*) - Observe-se o exemplo: "... percorreu lento vários países,..." - Graciliano Ramos. INSÔNIA, José Olympio Editora, 3ª Edição, Rio de Janeiro, 1953, em Hermínio G. Sargentim - ATIVIDADES DE COMUNICAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA, 5ª série, p. 26, IBEP, São Paulo.

a regra que introduz o sufixo -mente.*



Parecem-nos incluídas no mesmo caso as orações (74) e (9), motivo por que achamos que se trata apenas de aceitação do falante.

A partir das conclusões a que chegamos sobre o adjetivo e o advérbio, resta-nos explorar ainda o aparecimento da "cópula".

Leda Bisol coloca na E.P. o verbo ESTAR. Lanza coloca o verbo SER,

---

(*)Apresentamos novamente a estrutura profunda proposta por LANZA a fim de facilitar a compreensão das idéias.

esclarecendo que este verbo foi colocado lá por motivos puramente opera - cionais, não interferindo nos resultados da análise.

Acreditamos, entretanto, que a escolha da "cópula" está em íntima re lação com a identidade entre adjetivos e advérbios em determinados con - textos - fato esse que tentaremos mostrar no próximo capítulo.

CAPÍTULO III

RELACIONAMENTO ENTRE CÓPULA E NOME

1 - Panorama Gramatical

Pelo que se viu da estrutura subjacente de frases que contêm, além do verbo indicador de atividade, também um adjetivo se relacionando a esse verbo - simultaneamente ao sujeito - cujo predicado chamamos PVN, observamos que, junto a esse adjetivo, existe ainda outro verbo.

Para Leda Bisol "[...]. O verbo da oração mais alta é a cópula es - tar]". (1975, p. 30).

Para Lanza o verbo é o auxiliar ser que, segundo ela, foi colocado por motivos puramente operacionais, não interferindo nos resultados da análise. (Lanza, 1978, p. 81, nota 14).

Acreditamos, porém, que, se esse verbo não interfere no que toca ao problema da natureza do advérbio como derivado de um adjetivo, subjacente, talvez interfira na questão de se analisar sintaticamente este adjetivo e de se atribuir a ele tal ou tal terminologia, segundo a função por ele exercida nos tipos de sentenças por nós analisadas.

Segundo as gramáticas normativas, esse adjetivo é um predicativo do sujeito ou do objeto, pelo fato de ser núcleo de um predicado nominal, associado a um predicado verbal tendo no verbo o núcleo.

A função de predicativo está ligada ao fato de existir entre o su-

jeito e o adjetivo um verbo chamado de "ligação ou cópula".

Vejamos o que dizem a esse respeito alguns gramáticos:

a) Cegalla - 1976, p. 222

> "Verbos de ligação - os que ligam ao sujeito uma palavra ou expressão chamada predicativo. Obs.: Os verbos de ligação não servem apenas de nexo, mas exprimem ainda os diversos aspectos sob os quais considera a qualidade atribuída ao sujeito. O verbo ser, por exemplo, traduz aspecto permanente e o verbo estar aspecto transitório."

O mesmo autor ainda nos diz, na página 226: Predicativo do sujeito é o termo que exprime um atributo, um estado ou modo de ser do sujeito ao qual se prende por um verbo de ligação".

b) Sacconi - 1976, p. 187

> "Verbo de ligação - é aquele que, não indicando ação alguma por parte do sujeito, exprime um estado deste mesmo sujeito.
> Ex.: Mônica é bonita.
> Mônica está bonita.
>
> Note: Os verbos é e está indicam estado do sujeito Mônica; O primeiro estado permanente, o segundo, estado passageiro.
>
> Quando a oração tiver um desses (todos os de ligação), verifique se no predicado existe um termo que se refere ao sujeito, indicando seu estado, sua qualidade ou condição. Esta verificação é importante, porque se não houver termo no predicado que se relacione ao sujeito, o verbo não será de ligação.
> Quer um exemplo?
> - Mônica está nos Estados Unidos.
> Trata-se de verbo Intransitivo; nos Estados Unidos é adjunto adverbial de lugar.
>
> Veja a diferença entre verbo que possui significado e verbo que não possui significado (verbo de ligação).
> - A menina está no quarto.
> Está possui significado. A menina estava presente nó quarto.
> - A menina está doente.
> Está não possui significado, indica apenas o estado do sujeito."

c) Almeida - 1969, p. 156, § 302

> "É o verbo que indica qualidade.
> - Pedro é bom. A qualidade de ser bom.
> - Pedro é pedra - indica um estado, uma qualidade de Pedro, a qualidade de ser como pedra."

RESUMO:

VERBO DE LIGAÇÃO		PREDICATIVO
- exprime aspecto ser - permanente estar - transitório	CEGALLA	exprime um atributo, um estado ou modo de ser do sujeito.
- exprime e indica estado ser - permanente estar - passageiro não possui significado	SACCONI	termo que indica estado, qualidade ou condição.
indica qualidade indica um estado, uma qualidade de ,.., a qualidade de ser como ...	ALMEIDA	é o que se declara do sujeito mediante um verbo de ligação.

Como podemos observar, o adjetivo, na função de predicativo, não foi analisado segundo o que ele significa mas segundo o que ele exprime ou indica, análise essa que também é feita em relação aos verbos. ESTADO, por exemplo, é expresso tanto por adjetivos como pelo verbo. Apenas Cegalla fala em aspecto. Outra observação deve ser feita em relação aos exemplos, que não denotam exatamente, estado e qualidade.

Sacconi, por exemplo, exemplifica estado com
- Maria é bonita - verbo ser.
- Maria está bonita - verbo estar.

Não aparece nas exemplificações onde há a indicação de estado, onde há a indicação de qualidade ou condição, ou modo de ser. Outros parecem considerar estado e qualidade como sinôninos:
Almeida - Pedro é bom - qualidade
Pedro é pedra - indica um estado, uma qualidade de ...

A partir desse tipo de apresentação, é de estranhar que o estudante analise em:
- O menino chegou cansado.
cansado como adjunto adverbial de estado? (vide sondagem)

Parece não haver um consenso sobre o que realmente o predicativo significa ou o que o verbo de ligação representa.

Vem reforçar essa idéia a definição que encontramos em Elson e Pickett, (1973, p. 149), sobre orações de estado -

> " Sob o termo " estado" podem ser agrupados os vários tipos de orações que são similares às orações inglesas como " The boy is good" e "John is a man". Bem arbitrariamente* adotaremos o termo "estado" para o tipo cujo predicado é manifestado por um adjetivo ou um tipo semelhante de palavra." **

Pensamos que, através desta descrição, podemos adaptar muito bem o advérbio, como um tipo semelhante de palavra ocupando a função de predicativo, o que, aliás, já foi discutido aqui. Restando-nos esclarecer o termo estado, adotado arbitrariamente por Elson e Pickett. Levantamos a hipótese de esse termo poder ser equivalente ao termo modo.

Para tentar mostrar essa equivalência, veremos, a seguir, o que diz o dicionário, onde o aluno poderia esclarecer algumas dúvidas.

Conforme Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, in NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA (s/d), temos:

> "Estado. (Do Lat.statu.) S.m. 1- Modo de ser ou estar. 2- Situação ou disposição em que se acham as pessoas ou as coisas: estado de saúde; estado de espírito. (p. 568)
>
> Modo. (Do Lat. modu.) S.m. 1- Maneira, feição ou forma particular; jeito: modo de falar. [...] 3- Estado, situação, disposição: Estava em modo de receber as visitas. (p. 940)
>
> Qualidade. (Do Lat.qualitate.) S.f. 1- Propriedade, atributo ou condição das coisas ou das pessoas capaz de distinguí-las das outras e de lhes determinar a natureza. (p. 1175)
>
> Condição. (Do Lat. conditione.) S.f. 1- Circunstâncias. 2-Modo de ser, estado, situação (de coisa). (p. 361)
>
> Aspecto. (Do Lat. aspectu.) S.m. 1- Aparência ou exterior de alguém." (p.146)

Pelo que vimos da exposição dos gramáticos, adjetivos (na função de

---

(*) O grifo é nosso.

(**) O grifo é nosso.

predicativo) podem expressar ou indicar todos os sentidos acima que são semelhantes, em função, talvez, da função modificadora dos nomes.

Mas, e quanto aos verbos de ligação? Também indicam essas mesmas coisas?

Segundo Macambira, o verbo de ligação é o verbo significativamente esvaziado, por meio do qual se acrescenta alguma coisa ao sujeito, é mera linha de comunicação. Faz ele ainda uma subdivisão entre esse tipo de verbo. O verbo SER é o verbo de ligação puro, é o verbo de ligação por excelência, por conseguinte o mais esvaziado; os seus congêneres, ditos impuros, de certa maneira o contêm. O verbo SER pesa tão pouco sob o aspecto da significação que alguns idiomas não mais o empregam como forma viva no presente do indicativo. Os impuros são aqueles que encerram implicitamente um adjunto adverbial.

Ex.: estar - ser passageiramente:

Estamos contentes - (Macambira, 1978, pp. 147-8)

Esse adjunto adverbial traduziria a categoria do aspecto.

Queremos ressaltar aqui que não faremos um estudo sobre o verbo de ligação, mas um levantamento daquilo que já se estudou principalmente sobre o verbo SER e ESTAR, visto apenas eles terem aparecido nas estruturas subjacentes das frases em estudo.

Perguntaríamos, portanto, nesta fase de nossa pesquisa: se o verbo estar encerra implicitamente um adjunto adverbial, este adjunto seria o de modo?

Esta pergunta talvez seja respondida pela oposição entre SER e ESTAR feita por Luiza Osório Berthier in DAR - FAZER - TER - TOMAR - SER e ESTAR — Comportamento Sintático Semântico de uma Classe de Verbos. .. (1975)*

Segundo ela:

(*) Dissertação de Mestrado apresentada na UFRJ, inédita a nosso conhecimento.

SER - liga termos particulares a termos universais caracterizantes e a termos universais genéricos.

ESTAR - Relaciona termos particulares a termos universais caracterizantes.

Vemos que os dois verbos possuem em comum o fato de ligarem termos particulares a termos universais caracterizantes como: adjetivos, substantivos abstratos, verbos e advérbios - itens lexicais marcados pelo traço [-material].

Nesse caso, os dois apareceriam num mesmo contexto do tipo

(77) Ele é feliz

(78) Ele está feliz

em que, segundo Maria Marta Furlanetto in LA MORPHO-SYNTAXE DU PORTUGAIS BRÉSILIEN - LES CATÉGORIES GRAMMATICALES - APPROCHE STRUCTURALE SÉMANTIQUE (1976), se produz a oposição atributiva entre SER/ESTAR.

> "...pode-se estabelecer uma restrição funcional de distribuição: a oposição atributiva SER/ESTAR só se produz quando se trata de frases caracterizantes e/ou genéricas, tendo por complemento uma forma adjetiva [...]
>
> 24. O verão é agradável
> 25. O verão está agradável." (1976, p.316)

A oposição se faz no sentido de:

SER - Atributo constante, qualidade inerente (estabilidade).

ESTAR - Atributo variável, qualidade não inerente (instabilidade).

Através dessa oposição é justificável a escolha do verbo ESTAR na estrutura subjacente proposta por Leda Bisol, das frases em estudo, podendo ser ainda melhor explicitada pelo que encontramos ainda em Berthier (1975).

Segundo ela, nas frases abaixo:

> " (5) João é medroso
> (6) João está medroso
> Onde:
> (5) Responde à pergunta:
> Qual a qualidade inerente a João?
> (6) Responde à pergunta:
> Como João se encontra?" (1975, p. 66)

Ela diz ainda que nesse tipo de oposição

SER - se caracteriza por - independência, genérico, inerente, primário, unicidade e [-situacional].

ESTAR - se caracteriza por - dependência, relatividade, externo, secundário, [+situacional].

Dessa forma, propomos o seguinte:

Conforme vimos às pp.456, o nome terá duas funções:

a) Uma função principal de modificador de outro nome, quando esta modificação for categórica e absoluta.

Aparece então:

Verbo SER + Forma Adjetival [+inerente]

Os dois elementos estão em uma função primária não situacional. Estes não aparecem no PVN.

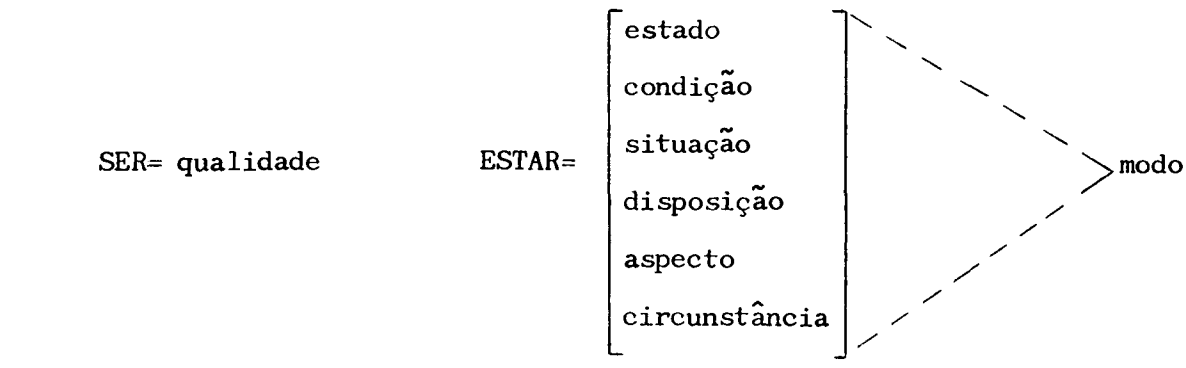
b) Uma função complementar e especial de modificador de nome ou verbo quando essa modificação depender de uma situação.

Aparece então:

Verbo ESTAR + FORMA ADJETIVAL OU ADVERBIAL [-inerente]

Os dois elementos estão numa mesma função secundária, dependente, situacional, os quais aparecem no PVN.

Sendo assim, temos:



Resulta dessa oposição o fato de a forma adverbial não ocorrer com SER, e tanto adjetivo quanto advérbio poderem ocorrer em ESTAR, como:

Ser bom - adjetivo / Estar bom - adjetivo

Estar bem - advérbio

Ser mau - adjetivo / Estar mau - adjetivo

Estar mal - advérbio

Depreende-se, desse fato, o porquê de alguns adjetivos poderem ser [-inerentes] ou [+inerentes], dependendo do contexto.

Ex.: alto é [+ inerente] em - homem alto - (é alto)

Alto é [+ inerente], porque é uma qualidade atribuída ao nome, da qual surge uma particularidade que o faz distinguir-se de outros seres.

Ex.: Alto $\left[\begin{smallmatrix}+\\-\end{smallmatrix}\right.$ inerente] - muro alto - (é alto ou está alto)

A inerência ou não do adjetivo depende da situação ou da condição. Nesse caso o adjetivo responde à pergunta como de duas formas.

1 - Como ele é? - Qual sua propriedade inerente?

2 - Como ele se encontra (está)? - Qual o seu estado ou o seu modo?

Nessa explicação está a razão de em:

- falar alto - termos a palavra alto como advérbio sem mesmo sofrer o acréscimo da forma sufixal -mente.
- falar alto significa falar em voz alta, ou seja, a voz não tem como propriedade inerente ser alta; está alta no momento da atividade verbal, isto é, naquela situação.

Achamos, portanto, que o problema surge em relação às terminologias que levam em conta tão-somente o aspecto morfo-sintático, e que, por esse motivo, levam o aluno a não aceitar ou a confundir determinadas funções sintáticas, apresentadas nas gramáticas normativas e repetidas por nós, professores, em sala de aula.

RESUMO

Sintetizando algumas questões do item anterior, teríamos:

Quanto à interferência do verbo de ligação na análise sintática do adjetivo, concordamos que este verbo não interfere na questão da derivação do advérbio e nem na função complementar modificadora do adjetivo, já que esta função parte de sua própria origem nominal.

Entretanto, analisando as oposições existentes entre SER/ESTAR, notamos que existe maior identidade entre

SER/QUALIDADE

ESTAR/ESTADO (MODO)

O que faz com que este último apareça na estrutura profunda reforçando a função modificadora do adjetivo em relação ao nome e ao verbo simultaneamente.

ESTAR admite implicitamente um adjunto adverbial que, agora, chamaremos modal e admite também, ser, na E.P. a cópula de uma forma adjetiva que já modificava o verbo, e através dele modifica também o sujeito.

Vem em reforço dessa idéia a explicação que nos dá Macambira a respeito do predicativo do sujeito.

> "Predicativo do sujeito é o termo que acrescenta alguma cousa ao sujeito mediante um verbo qualquer*, especialmente um verbo de ligação.
> a) qualidade - O mundo é maravilhoso.
> b) modo - O enfermo está bem." (Macambira, 1978, p. 203)

Na lista que ele dá, de idéias acrescentadas ao sujeito, da qual transcrevemos apenas as duas primeiras, não figura estado. Figura, todavia, modo e qualidade.

Se compararmos as exemplificações desse autor com as que mostramos de outros gramáticos da língua, notaremos serem elas mas minuciosas e detalhadas em explicar as relações entre sujeito e predicativo.

Imaginamos que se substituíssemos na frase(b) acima

O enfermo está bem

o advérbio bem por uma forma adjetiva qualquer, a exemplo de:

(79) O enfermo está calmo

(80) O enfermo está aflito

(81) O enfermo está tranquilo

o resultado semântico seria paralelo,isto é, a relação Sujeito/Predicativo será de MODO.

Sendo assim, parece explicável a dificuldade encontrada na frase

---

(*) O grifo se deve ao desejo de fazer sobressair a idéia de que o o predicativo do sujeito não existe somente em função do verbo de ligação, o qual entendemos ser somente o verbo SER.

(7) João nasceu rico

cuja estrutura subjacente pode ser

(82) João estar rico quando João nascer

e não

(83) João ser rico quando João nascer

visto que a riqueza de João é um fato dependente de uma situação exte - rior a ele.

2 - Estar + Gerúndio ou Particípio

Como verbo auxiliar, segundo Eunice Pontes, em VERBOS AUXILIARES EM PORTUGUÊS (1973), o verbo ESTAR está incluído no primeiro grupo junto a TER - HAVER - SER, embora, haja, por parte de alguns gramáticos, algumas discussões pelo fato de ele não ser formador do tempo composto, a exemplo dos outros três.

Algumas divergências encontradas nas gramáticas são devidas, segundo a autora, aos critérios adotados, a exemplo de Said Ali, o qual, pela influência da comparação com outras línguas, incluiu em nossa gramática, como auxiliares, verbos que ele mesmo, à luz de critérios sintáticos, classifica como transitivos. Ou que, segundo o critério semântico, não deveriam ser tratados como auxiliares, porque têm o mesmo significado quando seguidos de um nome ou verbo.

É o que acontece, por exemplo, nas construções de ESTAR/GERÚNDIO, as quais, se forem analisadas sob o aspecto semântico, nem sempre oferecem interpretações muito claras.

> " "... achava estranho estar ali fruindo a paisagem e o venti nho (...)"(CDA, 168)" (Pontes, 1973, p. 39).

A presença do advérbio de lugar leva-nos a pensar, diz Eunice Pontes, no verbo ESTAR intransitivo. Mas a presença também do gerúndio faz-nos pensar em como seria sem o advérbio:

> " "achava estranho ... estar fruindo a paisagem e o venti - nho"". (Pontes, 1973, p. 39)

Não parece, continua ela, que o significado do verbo ESTAR tenha mu_ dado.

Endossamos a idéia de Pontes e acreditamos que a razão de o verbo Estar ser analisado como intransitivo ou auxiliar está na palavra que o acompanha, ou seja, um advérbio ou um outro verbo.

A própria autora diz: "não me parece distante a identificação de ESTAR com gerúndio e ESTAR com advérbio". (Pontes, 1973, p. 53)

Observamos que a autora atribui um significado ao verbo ESTAR, nos dois casos, isto é, como intransitivo ou como "auxiliar", o que contradiz com a opinião do gramático Sacconi, que registramos na página 50 :
- A menina está doente. Nesse exemplo o gramático afirma que o verbo estar não possui significado.

Concordamos com Pontes, no que se refere à significação do verbo ESTAR, e nos perguntamos se esta significação mudaria se, ao invés de gerúndio, houvesse junto a ele um nome; adjetivo, advérbio ou forma participial? Por outras palavras, por que apenas seguido de um advérbio de lugar ele é intransitivo e não com outro advérbio, adjetivo, gerúndio ou particípio?

Numa função existencial teríamos:

ESTAR { aqui / hoje / triste / falando / cansado

ou , por exemplo:

(84) Estava aqui, hoje, falando, cansado e triste

que responderia, respectivamente, às perguntas:

onde? quando? como?

As dificuldades em classificar o verbo ESTAR como auxiliar não diminuem, se observarmos com atenção as construções de ESTAR/PARTICÍPIO.

Segundo Eunice Pontes, esta construção,

> "que é considerada em nossas gramáticas simplesmente como Passiva, não é muito simples de analisar e na verdade nem sempre se comporta como passiva". (1973, p. 57).

Na verdade, embora haja semelhança nas construções:

SER/PARTICÍPIO

ESTAR/PARTICÍPIO

há oposição entre elas.

Mattoso Câmara Jr. diz que:

> "A forma é louvado caracteriza-se como voz verbal passiva em confronto como está louvado que é construção nominal permansiva". (1974, p. 186)

Pontes explica que, embora as construções de ESTAR/PARTICÍPIO correspondam a construções ativas, a correspondência não é a mesma.

> "As de ser, quando estão no presente, correspondem ao presente ativo (é amado - ama) e as de estar, ao que parece, a formas perfeitas (está feito - fez). (1973, p. 56)

Além dessa oposição encontrada nas construções consideradas passivas, outros exemplos existem, que, embora semelhantes, não supõem orações passivas. São construções que, conforme Pontes,

> "não podem ter o agente da passiva e não correspondem a orações ativas com restrições ao contrário. São orações ativas, que correspondem a um verbo simples ativo e se constroem com verbos que não são transitivos:
> a) Intransitivo: O ar estava parado. (tinha parado)" (1973,p. 56)

Um aspecto importante ressaltado por Pontes é que

> "há uma série de verbos que se combinam com particípio mas não constituem orações passivas: andar, ficar, continuar, permanecer, viver." (1973, p. 57)

Coincidentemente, estes verbos são os chamados Verbos de Ligação presentes em nossas gramáticas, considerados verbos de ligação impuros por Macambira.

Uma outra observação da autora, em nota, página 57 , é que as construções de ESTAR/PARTICÍPIO, quando ativas, correspondem aos verbos simples, inclusive nos complementos:
"João está desconfiado de todo mundo".

Esse fato faz-nos lembrar de frases como:

(85) João está longe do título de campeão.

em que teríamos o verbo estar, como intransitivo, acompanhado de um ad -

vérbio de lugar que pede também um complemento.

Outrossim, se nesse tipo de construção o verbo estar é considerado um verbo simples, como interpretar o termo simples? Não sendo formador de passiva pode ser considerado intransitivo, já que não seria auxiliar?

Leda Bisol diz que o verbo estar é cópula nos Predicados Complexos. Vejamos o exemplo fornecido por ela.

(1) O menino chegou cansado.

cuja estrutura subjacente é:

(1a) O menino estar cansado quando o menino chegar.

O exemplo não corresponde a uma construção passiva, já que não admite o agente da passiva. Admite um complemento, característica que inclui o verbo estar como um verbo simples, ou seja, intransitivo.

(1b) O menino estava cansado (de andar) quando chegou

se assemelha a

(86) O menino estava longe do título de campeão

(87) Os meninos se afastaram temerosos do barranco

(88) Os meninos estavam temerosos do barranco quando se afastaram.

construções com formas adverbiais e adjetivas, o que faz parecer que, se sintaticamente as construções com ESTAR/PARTICÍPIO nem sempre se comportam como passivas, semanticamente são semelhantes, admitindo um elemento com o traço [+ modal], ou seja, um nome ou forma nominal com função modificadora.

Se, por um lado, estas construções não podem ser colocadas junto a outras do tipo

"João está doente". (Pontes, 1973, p. 57 - nota 15)

por outro, Maria Marta Furlanetto considerou a frase:

(89) Pedro está contente

como exemplo de frase nominal de aspecto permansivo. (Furlanetto, p. 319)

Todos esses fatos nos levam a algumas conclusões que descreveremos no resumo a seguir.

RESUMO

As construções de ESTAR/GERÚNDIO não são aceitas unanimemente como exemplos de Locução Verbal e aceitamos a idéia de Estar como exemplo de verbo intransitivo acompanhado de elemento modificador.

As construções de ESTAR/PARTICÍPIO, não funcionam exatamente como construções passivas em confronto com as de SER/PARTICÍPIO, por dois importantes motivos:

1 - quando estão no presente correspondem a formas perfeitas chamadas por Mattoso Câmara Jr. de resultativas;
2 - outras construções não aceitam o agente da passiva, podendo aceitar complemento, como qualquer verbo simples e se constroem com verbos que não são transitivos.

Esses motivos explicam e tornam possíveis construções de ESTAR + ADJETIVO como

(90) João está rico
(91) João enriqueceu
(92) João está mudo
(93) João emudeceu

ou como

(94) Estamos ansiosos pelo concurso
(95) Estamos cientes do fato

Concluímos então que, nos PVN não temos o verbo ESTAR como cópula, seja acompanhado de adjetivo ou forma participial. Ele é intransitivo e seu acompanhante é um nome em função modificadora do verbo e do nome em função de sujeito.

CAPÍTULO IV

EXPERIMENTO

1 - Apresentação

A parte experimental inicia-se com um exercício de sondagem, através do qual se pretende registrar o conhecimento dos alunos, anterior ao momento da revisão sobre o assunto PREDICADO VERBO-NOMINAL.

Em seguida vem detalhes sobre a revisão, tais como a metodologia aplicada, quadros demonstrativos da aprendizagem em termos qualitativos e quantitativos e análise dos resultados.

O experimento em si se desenvolveu com alunos da 3ª série do 2º grau do Colégio Dehon em Tubarão, durante o mês de maio de 1982.

Partimos do pressuposto de que o aluno já conhece o assunto, verificado isto na sondagem, cabendo-nos verificar o grau de compreensão atingido após a aplicação do conteúdo tal como foi analisado na parte teórica deste trabalho.

As aulas propriamente ditas, a título de revisão, foram iniciadas com uma introdução a noções de lingüística, principalmente em relação às idéias de Estrutura Superficial e Profunda, exemplificadas através da estrutura de frases na voz passiva cujo sujeito é apenas superficial. Com o objetivo de mostrar ao aluno a origem do termo nominal, usado nos predicados, mostrou-se a divisão das categorias das palavras em Verbo-Prono

me e Nome, incluindo, nesta última, substantivos, adjetivos e advérbios, conforme Mattoso Câmara Jr. Explicou-se ainda a dupla natureza do advérbio, nominal e pronominal, exemplificando então com as formas nominais do verbo - Gerúndio - Particípio e Infinitivo. Apesar da profundidade do assunto, o qual mereceria muito mais tempo para explicá-lo, notou-se certo interesse dos alunos, nestas duas primeiras aulas.

As duas aulas seguintes foram usadas para o desenvolvimento dos tipos de predicado. Visto rapidamente o Predicado Verbal, Predicação do Verbo e Complementos Verbais, dedicou-se maior espaço de tempo ao Predicado Nominal, onde, para nós, parecem nascer as dúvidas do aluno quanto à relação semântica entre Sujeito e Predicativo.

Para as aulas seguintes ficou reservada a explicação do Predicado Verbo-Nominal e aplicação dos exercícios com a ajuda do professor, visto não ter sobrado tempo para que os alunos o realizassem extra-classe.

Não sobrando tempo, as últimas quatro frases do exercício foram corrigidas momentos antes do teste de avaliação, na última aula.

2 - Sondagem do Problema com Alunos do 3º Ano do Colégio Dehon

A sondagem do problema foi iniciada em setembro de 1981, com alunos da 2ª série do 2º grau do Colégio Dehon - Tubarão.

Esses alunos, divididos em duas (2) turmas, haviam feito uma revisão do assunto no início do ano. Em vista de ocorrência de problemas que impediram a conclusão da parte teórica, a parte experimental se desenvolveu em maio de 82. Nesse interim, algumas sondagens tiveram de ser eliminadas em função de reprovações e eliminação de alguns alunos. A turma restante foi completada com alunos vindos do Seminário Nossa Senhora de Fátima - Tubarão, em convênio com o Colégio Dehon. Dessa forma passou-se a ter duas turmas bastante diferenciadas em nível de aprendizagem, no que toca, pelo menos, ao assunto a que estamos nos referindo: uma turma apenas com alunos do Colégio Dehon; outra com alunos do Seminário, mais fraca, e que foi completada com alunos também mais fracos do Colégio Dehon. Com essa nova turma foi realizado o mesmo teste de sondagem. A re-

visão sintática havia sido feita também na 2ª série, mas em outro colégio e com outro professor.

Sendo assim, o resultado da sondagem foi o seguinte:

Turma A - Colégio Dehon - 32 alunos

De 20 frases apresentadas:

11 alunos conseguiram acertos de 10 a 20

13 alunos conseguiram acertos de 06 a 09

08 alunos conseguiram acertos de zero a 05

Turma B - Colégio Dehon e Seminário N. S. de Fátima - 19 alunos

De 20 frases apresentadas:

01 aluno conseguiu acertar 12

04 alunos conseguiram acertos de 06 a 08

14 alunos conseguiram acertos de zero a 05

Sendo a turma B mais fraca e formada apenas de dezenove (19) alunos e a turma A de trinta e dois (32), foi necessário o transporte de alguns alunos desta para a turma B. Foram escolhidos sete (7) alunos, dois (2) com acertos superior a 10, do exercício de sondagem, e cinco (5) com acertos variando de 5 a 9, conseguindo-se assim uma turma uma pouco mais forte.

3 - Observações sobre as Aulas Experimentais e Resultado da Avaliação

Obedecendo à divisão das turmas, com a redistribuição dos alunos citada acima, as aulas se desenvolveram da seguinte forma.

Turma A - Na turma A, sete (7) aulas de 45 minutos, incluindo a avaliação. Nesta turma aplicou-se o modelo gerativo transformacional, conforme apostila em anexo, fornecida aos alunos.

Turma B - Na turma B, cinco (5) aulas de 45 minutos, incluindo avaliação. Nesta turma foi aplicado, pelo próprio professor, o modelo tradicional das gramáticas normativas, conforme o que se pode ver pelo plano de aula em anexo.

Para a avaliação foram eliminados os faltosos das duas turmas. Com isso a turma B voltou ao número inicial de dezenove (19) alunos. Da turma A, que continuava com um número maior e mais forte de alunos, foram eliminados ainda os alunos que tinham acertos em número superior a 15 no exercício de sondagem. Restaram, dessa forma, dezenove (19) alunos nas duas turmas, cujos resultados da sondagem e da avaliação foram levantados estatisticamente.

Os exercícios de fixação e o teste de avaliação foram os mesmos para as duas turmas. (v.p. 70)

Estando os alunos na 3ª série do 2º grau, as aulas tiveram que ser dadas a títulos de revisão. No final do 2º grau, o que podemos notar é que a maioria dos alunos ainda possui pouca ou nenhuma compreensão sobre o assunto. A partir das aulas vejamos em que modificou esse quadro.

. Análise Quantitativa

Como seria de se esperar, o quadro foi alterado. Se na sondagem, conforme os dados coletados, a Turma A apresentou um rendimento de 34.21% e a Turma B 26.84%, resultando daí uma diferença de aprendizagem de 7.37%, após as aulas, essa diferença chegou a 20% em favor da Turma A que rendeu então 68.42% enquanto a Turma B rendeu 48.42%. (Ver tabelas I e II, pp. 71 e 72).

. Análise Qualitativa

Esta análise nos permite verificar concretamente o problema focalizado na dissertação, que é exatamente a confusão nas análises do PREDICATIVO E ADJUNTO ADVERBIAL DE MODO.

Turma B - Comparando os dados da sondagem com os da avaliação podemos notar um acréscimo nos acertos, cujo número fica ainda aquém do satisfatório; a maior média de acertos está na faixa de 3 a 9. Apesar de terem diminuído as respostas para outras funções sintáticas, ainda permanece muito grande o número de alunos que ainda não diferem com clareza o Predicativo do Sujeito ou do Objeto. Ainda há muita diversificação nas respostas.

Comparando as duas funções em estudo vemos que, se na sondagem ha

via um número bem maior de Adjunto Adverbial, a diminuição parece ter sido mais em função da revisão recente que pela reflexão sobre o assunto. Ficando assim comprovado que, pelo menos com as turmas com as quais trabalhamos, o método tradicional não é suficientemente claro aos alunos. (Tabela III)

Turma A - Comparando os dados da sondagem com os da avaliação, pode-se considerar bom o acréscimo de acertos; a maior média de acertos está na faixa de 8 a 16. Diminuiram quase totalmente as respostas para outras funções sintáticas, ou seja, praticamente desapareceu a diferenciação nas respostas. (Tabela IV)

Comparando as duas funções em estudo, vemos que a dúvida em relação ao Predicativo do Objeto praticamente desapareceu, permanecendo, porém,e em número maior a dúvida em relação ao Predicativo do Sujeito. Este fato vem reforçar a hipótese colocada inicialmente de que a dúvida está concentrada nesta última função.

Se por um lado, foi para nós gratificante termos colhido um resultado melhor no nível de aprendizagem, por outro, temos que reconhecer e analisar certas imperfeições que não nos permitiram sanar por completo a confusão entre as duas funções.

A partir dos resultados do experimento reconhecemos que:

- Aumentou o grau de compreensão e reflexão sobre o assunto.
- As aulas, a título de revisão, deveriam ser substituídas por aulas de introdução ao assunto.
- Na 3ª série, já há uma mentalização muito forte das terminologias oficiais tradicionais, fechando-se o aluno a idéias novas em virtude da preocupação com o que responder no Vestibular.
- Sugere-se a aplicação do método em séries anteriores do 2º grau ou na 8ª série do 1º Grau.
- O tempo foi reduzido para atender às solicitações dos alunos,tendo em vista que teriam que ser dados todos os predicados. Não houve tempo para se demorar mais nos exercícios.
- O teste de avaliação da Turma A foi feito em seguida ao término da correção dos exercícios. Não houve tempo para uma leitura da apostila.

- O teste de avaliação da Turma B foi realizado dois dias após o término da correção dos exercícios, dando tempo, portanto, para estudo.
- Talvez devesse ser feita uma melhoria na escolha das frases tanto do exercício quanto do teste de avaliação, no sentido de focalizar melhor a diferença entre as duas funções. Notamos ter sido exatamente nesse ponto, com duas (2) frases do exercício, quando fizemos a distinção, por solicitação dos alunos, que a aula tornou-se mais movimentada, com o problema melhor caracterizado.

4 - Depoimento Avaliativo dos Alunos

Após a verificação dos dados colctados na avaliação, achamos necessário, para que tivéssemos uma visão completa de nosso trabalho, fazer uma avaliação subjetiva do nosso experimento.

Aplicamos, então, uma avaliação, para que o aluno pudesse escrever o que sentiu em relação ao assunto nas aulas experimentais.

Dada ao aluno a seguinte questão:

"Considerando que o assunto, Predicado Verbo-Nominal, Predicativo do Sujeito e do Objeto, já lhe havia sido ensinado em anos anteriores, você notou alguma diferença, na maneira como lhe foi explicado nestas aulas, que tenha contribuído para uma melhor compreensão do assunto? Sim ou não, por quê?"

Colhemos respostas bastante variadas, apontando aspectos positivos e negativos.

Como aspectos positivos salientou-se o fato de ter sido bom uma recapitulação, tendo em vista o esquecimento ou a pouca assimilação dos ensinamentos anteriores. Mesmo não sendo um assunto novo, as aulas deram oportunidade para relembrar assuntos passados como, por exemplo, uma rápida explicação sobre as orações reduzidas.

As aulas, propriamente ditas, foram consideradas alegres e comunicativas, sendo o professor aberto a perguntas, sanando as dúvidas surgidas, embora seus conhecimentos tenham sido considerados acima do nível básico.

A explicação completa e detalhada do assunto superou as outras dadas, proporcionando um melhor entendimento sobre o assunto e maior compreensão das referidas funções sintáticas no que toca à distinção entre os predicativos, diminuindo as dúvidas, principalmente sobre o predicativo do objeto.

A maneira de a matéria ser explicada fez ver coisas, antes não vistas, e uma das diferenças apontadas foi a forma para ser encontrado o predicado Verbo-Nominal. Um destaque para o assunto verbo de ligação: o verbo ESTAR é superficialmente semelhante ao verbo SER e superficial e internamente semelhante ao verbo SAIR, intransitivo.

Por outro lado, os aspectos negativos devem ser considerados de suma importância pois serão eles que influirão na execução de um próxima experimentação.

O fato de não ter havido um bom rendimento nos anos anteriores interferiu no processo de aprendizagem,uma vez que a explicação foi rápida e diferente, complicando o assunto.

A didática distoante da professora da turma foi considerado um dos motivos de fraca aprendizagem,observando-se que deveria ter havido maior participação do aluno com vistas a tornar a aula menos cansativa.

A explicação entrou em detalhes muito profundos e saiu rapidamente, deixando dúvidas sobre a intransitividade do verbo e na distinção entre os predicativos, que não ficaram evidenciados tanto na correção dos exercícios, com a ajuda do professor, como no teste de avaliação.

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DO SUL DE SANTA CATARINA

COLÉGIO DEHON

ALUNO: _____

SÉRIE: _____ GRAU: _____ DATA: _____

Dê a função sintática das palavras sublinhadas nas frases abaixo:

Modelo:

- Joana tinha uma expressão fascinante. (Adjunto Adnominal)

1 - O soldado voltou ferido. ( )

2 - O professor considerou ótimo o meu aproveitamento. ( )

3 - Assisti à cena estarrecido. ( )

4 - Chegamos ao colégio atrasados. ( )

5 - O menino chegou cansado. ( )

6 - João nasceu rico. ( )

7 - Pedro morreu pobre. ( )

8 - Ele chegou bem. ( )

9 - Maria morreu afogada. ( )

10- Ele escreve lentamente. ( )

11- O menino está triste. ( )

12- O menino está pobre. ( )

13- João é inocente. ( )

14- O menino sorriu comovido. ( )

15- Pedro está bem. ( )

16- Pedro encontrou Maria doente. ( )

17- João julga Pedro doente. ( )

18- O menino dormiu facilmente. ( )

19- Maria morreu aflita. ( )

20- João esperava a carta ansioso. ( )

OBSERVAÇÕES:

_____

_____

QUADRO DEMONSTRATIVO DA ANÁLISE QUANTITATIVA - TURMA B - TABELA I

Nº	SONDAGEM				AVALIAÇÃO				CRESC.
	ACERTOS	NOTAS	η_1 (%)*	γ_1 (%)*	ACERTOS	NOTAS	η_2 (%)*	γ_2 (%)*	$(\eta_2 - \eta_1)$(%)
01	05	2,5	25	75	03	1,5	15	85	(10)**
02	02	1,0	10	90	07	3,5	35	65	25
03	06	3,0	30	70	09	4,5	45	55	15
04	05	2,5	25	75	13	6,5	65	35	40
05	zero	zero	zero	100	zero	zero	zero	100	zero
06	04	2,0	20	80	10	5,0	50	50	30
07	08	4,0	40	60	12	6,0	60	40	20
08	04	2,0	20	80	06	3,0	30	70	10
09	02	1,0	10	90	05	2,5	25	75	15
10	01	0,5	05	95	10	5,0	50	50	45
11	01	0,5	05	95	07	3,5	35	65	30
12	07	3,5	35	65	17	8,5	85	15	50
13	02	1,0	10	90	07	3,5	35	65	25
14	06	3,0	30	70	09	4,5	45	55	15
15	08	4,0	40	60	11	5,5	55	45	15
16	06	3,0	30	70	17	8,5	85	15	55
17	08	4,0	40	60	10	5,0	50	50	10
18	14	7,0	70	30	16	8,0	80	20	10
19	13	6,5	65	35	15	7,5	75	25	10
Média dos Valores			26,84	73,16			48,42	51,58	21,58

* η_1 - Rendimento dos alunos na sondagem

* η_2 - Rendimento dos alunos na avaliação

* γ_1 - Rendimento a ser alcançado p/ aluno na sondagem

* γ_2 - Rendimento a ser alcançado p/ aluno na avaliação

** Crescimento negativo

QUADRO DEMONSTRATIVO DA ANÁLISE QUANTITATIVA - TURMA A - TABELA II

Nº	SONDAGEM				AVALIAÇÃO				CRESC.
	ACERTOS	NOTAS	η_1 * (%)	γ_1 * (%)	ACERTOS	NOTAS	η_2 * (%)	γ_2 * (%)	$(\eta_2-\eta_1)$(%)
01	02	1,0	10	90	15	7,5	75	25	65
02	03	1,5	15	85	18	9,0	90	10	75
03	12	6,0	60	40	07	3,5	35	65	(25)**
04	06	3,0	30	70	12	6,0	60	40	30
05	zero	zero	zero	100	07	3,5	35	65	35
06	11	5,5	55	45	13	6,5	65	35	10
07	10	5,0	50	50	13	6,5	65	35	15
08	09	4,5	45	55	14	7,0	70	30	25
09	09	4,5	45	55	20	10,0	100	-	55
10	12	6,0	60	40	13	6,5	65	35	05
11	06	3,0	30	70	16	8,0	80	20	50
12	04	2,0	20	80	14	7,0	70	30	50
13	07	3,5	35	65	18	9,0	90	10	55
14	08	4,0	40	60	12	6,0	60	40	20
15	07	3,5	35	65	11	5,5	55	45	20
16	06	3,0	30	70	11	5,5	55	45	25
17	04	2,0	20	80	16	8,0	80	20	60
18	06	3,0	30	70	18	9,0	90	10	60
19	08	4,0	40	60	12	6,0	60	40	20
Média dos Valores			34,21	65,79			68,42	31,58	

* η_1 - Rendimento dos alunos na sondagem

* η_2 - Rendimento dos alunos na avaliação

* γ_1 - Rendimento a ser alcançado p/ aluno na sondagem

* γ_2 - Rendimento a ser alcançado p/ aluno na avaliação

** Crescimento negativo

QUADRO DEMONSTRATIVO DA ANÁLISE QUALITATIVA

Nº DAS FRASES	FRASES	PREDI-CAT. DO SUJ.		PREDI-CAT. DO OBJETO		ADJ. ADV. DE MODO		ADJ. ADNO MINAL		COMP. NOMI-NAL		C DI TC
		S	A	S	A	S	A	S	A	S	A	S
01	O soldado voltou ferido.	3	12	-	1	5	3	4	-	2	1	4
02	O profº considerou ótimo o meu aproveitamento.	-	-	1	7	1	1	4	4	-	-	7
03	Assisti à cena estarrecido.	3	12	-	2	3	3	7	-	6	1	-
04	Chegamos ao colégio atrasados.	1	5	-	-	4	7	6	1	1	2	-
05	O menino chegou cansado.	1	9	-	1	6	6	7	1	-	1	3
06	João nasceu rico.	4	7	-	-	6	6	5	3	-	2	1
07	Pedro morreu pobre.	3	7	-	-	8	7	4	2	-	2	1
08	Ele chegou bem.	2	5	-	-	11	12	3	1	-	-	-
09	Maria morreu afogada.	1	3	-	-	7	13	1	1	2	-	5
10	Ele escreve lentamente.	-	1	-	-	11	13	2	3	1	1	3
11	O menino está triste.	10	15	-	-	6	2	2	2	-	-	1
12	O menino está pobre.	12	16	1	-	3	1	2	2	-	-	1
13	João é inocente.	13	15	1	-	-	-	1	2	-	-	2
14	O menino sorriu comovido.	3	8	-	2	5	4	5	1	1	2	2
15	Pedro está bem.	10	12	-	-	5	5	2	2	-	-	1
16	Pedro encontrou Maria doente.	1	1	3	7	4	5	5	3	4	2	1
17	João julga Pedro doente.	1	1	3	11	2	3	4	2	5	1	2
18	O menino dormiu facilmente.	-	2	-	-	9	11	5	4	2	-	1
19	Maria morreu aflita.	3	4	-	-	7	12	5	1	1	-	-
20	João esperava a carta ansioso.	4	7	1	2	4	5	7	4	2	-	-

ÁLISE QUALITATIVA — TURMA B — TABELA III

ADJ. ADNOMINAL		COMP. NOMINAL		OBJ. DIRETO		OBJ. INDIRETO		ADJ. ADV. DE TEMPO		ADJ. ADV.		COMP. VERBAL	ADJ. ADV. DE INTENS		ADJETIVOS	NÃO RESPOND.	TOTAL DE ALUNOS		OUTRAS FUN.	
S	A	S	A	S	A	S	A	S	A	S	A	S	S	A	S	S	S	A	S	A
4	-	2	1	4	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	19	19	-	1
4	4	-	-	7	5	-	-	-	-	-	1	-	3	1	-	-	19	19	3	-
7	-	6	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	19	19	-	1
6	1	1	2	-	-	-	-	6	4	-	-	-	-	-	-	-	19	19	1	-
7	1	-	1	3	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	19	19	1	1
5	3	-	2	1	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	19	19	1	1
4	2	-	2	1	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	19	19	1	1
3	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	19	19	1	1
1	1	2	-	5	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	19	19	-	1
2	3	1	1	3	1	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	19	19	-	-
2	2	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	19	19	-	-
2	2	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	19	19	-	-
1	2	-	-	2	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	19	19	-	1
5	1	1	2	2	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	19	19	1	2
2	2	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	19	19	1	-
5	3	4	2	1	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	19	19	-	-
4	2	5	1	2	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	-	19	19	-	1
5	4	2	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	19	19	-	1
5	1	1	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	19	19	1	1
7	4	2	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	19	19	-	-

QUADRO DEMONSTRATIVO DA ANÁLISE QUA

Nº DAS FRASES	FRASES	PRED. DO SUJ.		PRED. DO OBJ.		ADJ. ADV. DE MODO		ADJ. ADNOMINAL	
		S	A	S	A	S	A	S	A
01	O soldado soltou ferido.	8	15	-	-	1	4	2	-
02	O professor considerou ótimo o meu aproveitamento.	3	-	3	9	-	1	9	7
03	Assisti à cena estarrecido.	8	13	2	-	2	6	3	-
04	Chegamos ao colégio atrasados.	6	13	1	-	5	6	3	-
05	O menino chegou cansado.	6	14	-	-	3	3	2	1
06	João nasceu rico.	4	13	1	-	2	5	4	1
07	Pedro morreu pobre.	5	11	1	1	3	6	3	1
08	Ele chegou bem.	4	9	-	-	10	10	-	-
09	Maria morreu afogada.	2	3	-	1	8	13	2	-
10	Ele escreve lentamente.	2	1	-	-	8	18	1	-
11	O menino está triste.	12	14	-	-	2	5	-	-
12	O menino está pobre.	9	13	-	1	3	4	1	1
13	João é inocente.	13	16	-	-	-	1	3	1
14	O menino sorriu comovido.	10	12	-	-	2	7	3	-
15	Pedro está bem.	8	13	1	-	6	6	2	-
16	Pedro encontrou Maria doente.	3	-	3	18	2	1	3	-
17	João julga Pedro doente.	3	-	3	18	3	1	3	-
18	O menino dormiu facilmente.	1	-	-	1	7	18	4	-
19	Maria morreu aflita.	5	8	-	-	3	11	2	-
20	João esperava a carta ansioso.	6	12	3	1	1	4	5	2

LISE QUALITATIVA — TURMA A — TABELA IV

ADJ. ADNOMINAL		C. N.	OBJ. DIRETO		OBJ. IND.	ADJ. ADV. TEMP.	ADJ. ADV.		ADJ. ADV. EST.	C. V.	ADJ. ADV. INT.	PVN	ADJ. ADV. CAU.	P.V. NÚCLEO	OUTRAS FUNÇÕES		N. RESP.	T. DE A.	Nº DE FRAS
S	A	S	S	A	S	S	S	A	S	S	S	S	S	S	S	A	S		
2	–	1	6	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1	–	–	–	19	01
9	7	–	3	2	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1	19	02
3	–	1	1	–	2	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	19	03
3	–	–	1	–	–	2	1	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	19	04
2	1	1	6	–	–	–	–	1	1	–	–	–	–	–	–	–	–	19	05
4	1	1	5	–	–	–	–	–	–	1	–	–	–	–	1	–	–	19	06
3	1	1	5	–	–	–	–	–	–	1	–	–	–	–	–	–	–	19	07
–	–	–	1	–	1	–	–	–	1	–	1	1	–	–	–	–	–	19	08
2	–	1	5	1	–	–	–	–	–	–	–	–	1	–	–	1	–	19	09
1	–	1	3	–	–	–	–	–	–	–	3	–	–	1	–	–	–	19	10
–	–	2	2	–	–	–	1	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	19	11
1	1	2	3	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1	19	12
3	1	2	–	1	1	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	19	13
3	–	2	1	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1	19	14
2	–	–	–	–	–	–	1	–	–	–	1	–	–	–	–	–	–	19	15
3	–	2	2	–	1	–	–	–	–	–	–	–	–	1	1	–	1	19	16
3	–	1	3	–	2	–	–	–	–	–	–	–	–	1	–	–	–	19	17
4	–	–	2	–	–	–	–	–	–	1	3	–	–	–	1	–	–	19	18
2	–	1	4	–	–	–	–	–	–	3	–	–	–	–	1	–	–	19	19
5	2	1	–	–	2	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1	–	–	19	20

CONCLUSÃO

A partir dos dados coletados, cremos ter chegado ao ponto em que podemos, se não total, pelo menos parcialmente, ter elucidado a problemática que reside no capítulo PREDICADO VERBO-NOMINAL e as significações nele contidas.

A dúvida quanto a analisarmos sintaticamente o adjetivo nas construções com PVN, como Predicativo do Sujeito ou Adjunto Adverbial de Modo, parece dar lugar à certeza de que, se ambos têm origem numa só categoria - a dos nomes - o lógico é que a irmandade semântica que os une apareça na superficialização do pensamento expresso, seja em que categoria morfológica eles se concretizem materialmente.

O problema que segue é uma questão da terminologia que não leva em consideração o aspecto semântico das palavras e construções. Acreditamos que isto, sim, deve ser esclarecido ao aluno. Ele aprende a decorar nomes para cujas funções tem uma compreensão exata do significado.

Vimos, nos capítulos que tratam dos verbos SER/ESTAR, classificados pela gramática tradicional como verbos de ligação, que existe entre eles uma diferença semântica que não é levada em consideração, o que faz o aluno analisar o nome que o acompanha como predicativo, sem observar que o uso de um ou outro acarreta mudança no significado. E quando ele nota, não tem considerações de expressar-se, preso que está a normas prescritas pelas gramáticas.

Não é nosso objetivo impor novas normas e sim alertar para uma semelhança que existe e que não pode ser desconsiderada.

O verbo ESTAR carrega consigo o significado de existência situacional, enquanto que o verbo SER traz consigo a significação de existência atributiva. Portanto, só ele deve ser considerado cópula em frases nominais.

O verbo ESTAR, que já é considerado por vários gramáticos como intransitivo, quando seguido de advérbio ou expressão locacional, deve ser visto como uma forma de verbo intransitivo seguido de nome modificador. Vimos que a sua significação não se altera num e noutro caso e o título de cópula junto a adjetivo parece ser uma análise antiga a qual, acreditamos, deve ser repensada.

Sendo assim,no PVN com predicativo do sujeito temos uma estrutura subjacente em que aparece não apenas um, mas dois verbos intransitivos.

O verbo ESTAR admite, como seu acompanhante, elemento modificador de lugar, tempo e modo; o mesmo não acontece com o verbo SER, que, embora apareça em frases como:

"A festa é de manhã". (Macambira, 1978, p. 203)

não indica propriamente a situação do sujeito o qual, se analisado mais detidamente, aponta sinais de impessoalidade, aspecto em que não podemos, neste estudo, nos deter.

Dessa forma,a questão da semelhança entre ESTADO e MODO nos parece ter sua origem desde frases simples como:

(96) Ele está feliz.

simples, dizemos, por conterem uma só oração, e um só predicado classificado tradicionalmente como Nominal.

Daí parte-se para considerar,no PVN, também como predicativo do sujeito, o adjetivo que, se não é um atributo constante, inerente ao sujeito, não é seu predicativo e sim o seu modificador, no momento em que acontece a ação indicada pelo verbo de atividade.

Sabemos, é verdade, que esta dissertação não trouxe à luz toda a problemática e nem a resolveu por completo.

Com a realização do experimento, observamos que houve, por parte do aluno, uma certa percepção da origem de suas dúvidas. Sentimos ter contribuído no sentido de ter esclarecido ao aluno que as funções sintáticas estudadas não são mero fruto de uma relação superficial e aparente, mas que a língua é um produto de relações internas entre as palavras das quais surge uma significação específica.

Acreditamos ter dado ao aluno uma visão de fatos lingüísticos nem sempre percebidos através da gramática normativa, e que tornaram possíveis uma compreensão de que suas dúvidas, afinal, são justificadas.

Embora tenhamos considerado gratificante a realização deste experimento notamos que certas idéias, principalmente no que se refere à intransitividade do verbo ESTAR, precisam ser melhor esclarecidas, e a isto nos propomos, num futuro próximo, para que possamos desenvolver uma metodologia mais eficaz.

BIBLIOGRAFIA

1. ALI, M.S., (1971) Gramática histórica da língua portuguesa, 7a. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

2. ALMEIDA, N.M., (1969) Gramática metódica da língua portuguesa, 22a. São Paulo: Edição Saraiva.

3. BECHARA, E., (1976) Lições de português pela análise sintática, 10a. ed. Rio de Janeiro: Grifo.

4. BENVENISTE, E., (1976) Problemas de lingüística geral, São Paulo: Companhia Editora Nacional.

5. BERTHIER, L. Osório, (1975) DAR - FAZER - TER - TOMAR - SER e ESTAR- Comportamento sintático - Semântico de uma classe de verbos, Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

6. BISOL, Leda, (1975) Predicados complexos do português - Uma Análise Transformacional, Porto Alegre: Editora da URGS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

7. CÂMARA JR. J. Mattoso, (1976) História e estrutura da língua portuguesa, 2a. ed. Rio de Janeiro: Padrão - Livraria Editora Ltda.

8. _____, (1969) Princípios de lingüística geral, Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

9. CEGALLA, D.P., (1976) Novíssima gramática da língua portuguesa, 14a. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

10. CHOMSKY, Noam, (1975) Aspectos da teoria da linguagem, Coimbra: Armênio Amado - Editor - Sucessor.

11. CHOVAI, Lauro, (1977) Complementos oracionais em português, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina.

12. ELSON, B. e PICKETT, Velma, (1973) Introdução à morfologia e à sintaxe, Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda.

13. FERREIRA, A.B. de H., (S/D) Novo dicionário da língua portuguesa,1a. ed. 4a. impr. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

14. FURLANETTO, M. Marta, (1976) La morpho-syntaxe du portugais brésiliene les catégories grammaticales - Approche structurale sémantique - These pour le Doctorat de 3e Cycle, Tome II, Université de Paris VIII, Vincennes.

15. LANZA, T. M.Tivelli, (1978) Advérbios modais e avaliativos em português, Dissertação de Mestrado, PUC de Campinas.

16. LOBATO, L. M. Pinheiro, (1977) A semântica na lingüística moderna-O Léxico, Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A.

17. LIMA, Rocha,(1980) Gramática normativa da língua portuguesa, 21a. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.

18. LUFT, C.P., (1976) Gramática resumida. Explicação da nomenclatura gramatical brasileira, Porto Alegre: Editora Globo.

19. KURY, A. da G. BRUNO, J.R. e OLIVEIRA, U. Luiz de, (1976) Gramática objetiva da língua portuguesa - Sintaxe, Rio de Janeiro: Editora Rio.

20. MACAMBIRA, J.R. (1978) A estrutura morfo-sintática do português, 3a. ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora.

21. MELO, G. Chaves de, (1970) Gramática fundamental da língua portuguesa, 2a. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

22. _____, (1975) Filosofia e à lingüística portuguesa, 5a.ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

23. PAZZINI, M.C.Beraldo, (1978) O adjetivo - Um problema sintático, Florianópolis: Ensaios Catarinenses - UFSC.

24. PEREIRA, E.G. (1941) Gramática expositiva, 57a.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

25. PONTES, Eunice, (1973) Verbos auxiliares em português, Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda.

26. Revista brasileira de lingüística, (1976) V.3, Nº 1, Ano II, Vozes.

27. SAUADE, S.S.R., (1974) Algumas propriedades sintáticas de adjetivos em português, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

28. SACCONI, L.A., (1976) Gramática em tempo de comunicação, 4a.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

ANEXOS

- PLANO DE AULA
- APOSTILA "PREDICADO VERBO-NOMINAL"

PLANO DE AULA - TURMA B

OB. COMPORTAMENTAIS	CONTEÚDO	CRONOLOGIA	ESTRATÉGIA		AVALIAÇÃO
			TÉCNICAS	RECURSOS	
. Identificar os núcleos. . Identificar e perceber o funcionamento do predicativo. . Reconhecer o verbo como núcleo ou não do predicado. . Identificar verbos Intransitivo, Transitivo e de Ligação.	. Predicado Verbal . Predicado Nominal . Predicado Verbo-Nominal . Predicativo do Sujeito e do objeto.	6 aulas X 45 min.	Aula Expositiva a) Apresentação do conteúdo através de exemplos concretos, antes da apresentação das regras gramaticais. b) Reconhecimento do núcleo em 1º lugar. c) Desdobramento da oração para aparecer o verbo de lig.	. Quadro negro . Giz e Gramáticas.	. Teste escrito.

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DO SUL DE SANTA CATARINA
COLÉGIO DEHON

PREDICADO VERBO-NOMINAL
(PVN)

Mª HELENA DE BEM SILVA

PERÍODO DE 04 A 18 DE MAIO

MAIO/1982.

ÍNDICE

PAG

I - INTRODUÇÃO 85

II - PREDICADO VERBAL, NOMINAL E VERBO-NOMINAL 89

III- EXERCÍCIOS 98

I - INTRODUÇÃO

A comunicação escrita ou falada serve-se da palavra. Reunidas e ordenadas, essas palavras formam frases, orações, períodos, e, finalmente o discurso.

À reunião e ordenação das palavras, de modo a transmitirem um pensamento, dá-se o nome de estudo sintático.

A análise sintática, portanto, estuda o relacionamento das palavras na oração e da oração no período. Há, entretanto, a necessidade de se conhecer os significados das palavras, para que não sejam construídas orações sintaticamente corretas, mas destituídas de um significado, com vistas à nossa realidade.

Assim, uma oração como:

O tapete comprou um carro.

que se apresenta sintaticamente correta, pois apresenta:

Sujeito: O tapete

Predicado Verbal: comprou um carro

Objeto direto: um carro

não apresenta, entretanto, logicidade em relação à nossa realidade.

Sendo assim, para que haja orações lógicas quanto ao significado, é preciso conhecermos mais profundamente o significado das palavras. Para isso, surgiu a Semântica, parte da gramática que estuda exatamente a sig

nificação das palavras e das construções. Estuda ela, portanto, o aspecto das palavras internamente, isto é, não a forma que é visual, superficial.

É assim que, modernamente, estuda-se a língua sob dois aspectos: o da Estrutura Superficial e o da Estrutura Profunda, a qual, sendo também sintática, permite uma análise semântica mais nítida.

Vejamos como um exemplo: A oração que contém um verbo na voz passiva analítica, como:

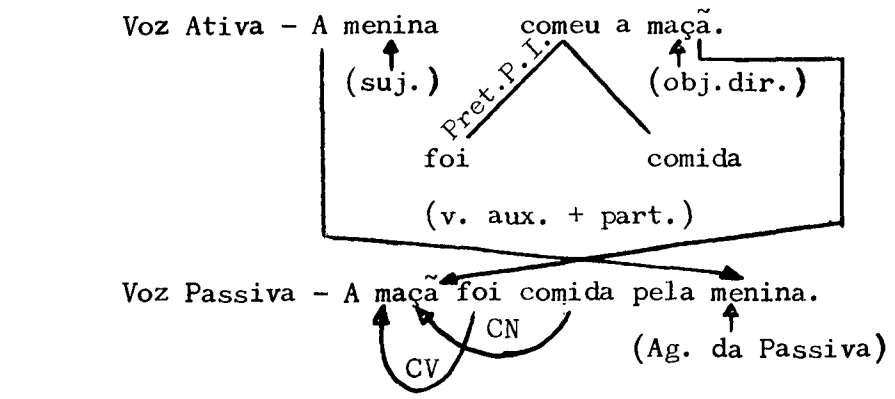
A maçã foi comida pela menina.

é uma oração que foi obtida através de um processo de arranjo de palavras, segundo seu aspecto externo, superficial. Daí dizermos que essa frase é um produto de transformações de uma outra oração que, internamente, ou seja, na estrutura profunda, seria:

A menina comeu a maçã. (Voz Ativa)

Essa segunda oração indica, realmente, quem fez o quê, ou seja, qual o fato que aconteceu, o qual entendemos, também, perfeitamente, no exemplo anterior, embora a ordenação das palavras tenha sido obtida por um processo mais complicado, pois sofreu o acréscimo do verbo SER chamado, nesse caso, de VERBO AUXILIAR. Mudou-se a forma do verbo "comer", verbo principal, do modo indicativo, para uma forma nominal, o particípio. Houve permuta de dois substantivos. O objeto direto "maçã" passou a ser o sujeito e o sujeito "menina" passou a ser o agente da ação acrescido de preposição. Simultaneamente acontece a concordância verbal do verbo auxiliar SER com o sujeito e a concordância nominal entre o sujeito e o particípio do verbo COMER.

Esquematicamente, assim se processou a transformação:



Quando ouvimos, portanto, a voz passiva, o nosso cérebro inverte automaticamente a ordem das palavras, e a mensagem é compreendida na voz ativa que seria o pensamento primitivo.

Com essa explicação, vimos surgir aí, expressões como forma nominal, isto é, a transformação do verbo comer particípio chamado de forma nominal. De onde vem essa terminologia nominal?

Segundo a natureza das palavras, podemos dizer que há uma divisão generalizada entre VERBO - NOME - PRONOME.

Os verbos, lingüisticamente, denotam a realidade sob o aspecto dinâmico, enquanto os nomes denotam a realidade sob o aspecto estático. Há quem considere esta divisão universal.

Sob a denominação geral de nomes estão incluídas as classes gramaticais - substantivo, adjetivo e advérbio - que é uma divisão feita, levando em consideração a função que estas classes exercem.

Os adjetivos funcionam como elementos modificadores ou atributivos de um substantivo.

Os advérbios possuem duas naturezas:

1. Natureza Pronominal - quando tem a função de situar o evento comunicado no espaço ou no tempo em relação à posição espacial ou temporal do falante.

Ex.: a) João chegou aqui.
Adv. de lugar

b) João saiu agora.
Adv. de tempo.

2. Natureza Nominal - quando marcam modos de ser do evento. São os chamados advérbios modais.

Ex.: João saiu lentamente.
Adv. de modo

João está bem.
Adv. de modo.

É a partir desta idéia que se pode falar em formas nominais do ver-

bo, que podem funcionar na oração como nomes.

Ex.: Nadar se constitui num ótimo exercício. Ou,

A natação se constitui num ótimo exercício.

onde apenas a palavra "constitui" funciona como verbo. "Nadar" funciona como um ser, daí a fácil substituição por "natação".

"Nadar", na oração, portanto, está no Infinitivo, que é uma Forma Nominal juntamente com o Particípio, equivalente ao adjetivo e com o Gerúndio, equivalente ao advérbio.

Vimos então que as palavras obedecem a dois princípios: um, funcional, estudado pela sintaxe e outro, da significação, estudado pela semântica.

Os dois, entretanto, estão em íntima relação, pois do significado surge a função. As palavras possuem entre si uma relação funcional e uma relação de significações. Daí podermos explicar o nosso primeiro exemplo:

O tapete comprou um carro.

onde funcionalmente as palavras se relacionam corretamente, mas semanticamente não, pois as características da palavra "tapete" não se ajustam às do verbo "comprar", isto é, um ser com um traço [- animado] não pratica ação.

Sendo assim, quando estudamos análise sintática, temos que levar em consideração duas coisas: a relação funcional e a relação de significações entre as palavras. Ou seja, um estudo externo, o da estrutura superficial e um estudo interno, o da estrutura profunda.

Uma oração aparentemente simples pode ter sua origem em outra na Estrutura Profunda que só será visível através de um estudo das relações internas entre as palavras.

É a partir dessa orientação que desenvolveremos nosso estudo sobre o Predicado.

II - PREDICADO VERBAL, NOMINAL E VERBO-NOMINAL

Considerado como um termo essencial da oração, o Predicado é tudo aquilo que se declara do sujeito. Encontrando-se, portanto, o sujeito da oração, o predicado inicia com o verbo, termo que sempre deverá existir para que um pensamento expresso possa ser chamado de oração.

Ex.: a) Cristina saiu.

Sujeito: Cristina

Predicado: saiu

b) João comprou um carro.

Sujeito: João

Predicado: comprou um carro

Observamos que uma oração pode se constituir apenas de sujeito + verbo, como no 1º exemplo. Esta possibilidade existe, desde que o verbo utilizado encerre uma ação significativa, ou seja, aquilo que se declara do sujeito está concentrado no verbo - ação de sair, ação de comprar, etc. Nesse caso, dizemos que o verbo é o núcleo do predicado, que será chamado de Predicado Verbal.

Nem sempre, entretanto, os verbos indicam uma atividade, não havendo condições, nesse caso, de aparecer sozinho com o sujeito formando uma oração.

Ex.: Cristina é.

Sujeito: Cristina

? Predicado: é

Na seqüência "Cristina é", nada se declara do sujeito, a não ser que seja uma resposta a uma pergunta do tipo:

- Cristina é estudante?

- Sim, Cristina é.

na qual estaríamos confirmando a condição de ser de Cristina, um de seus atributos, ou seja, estudante.

Portanto, na oração "Cristina é estudante" aquilo que se declara do sujeito está concentrado no adjetivo - estudante - e não no verbo (ser estudante).

Comparando as duas orações exemplificativas, teríamos:

Cristina saiu.

O verbo é o núclo do predicado, pois ele declara a ação do sujeito "Cristina". Temos, portanto, um Predicado Verbal, isto é, uma declaração verbal, através do verbo. Já em:

Cristina é estudante.

o adjetivo é o núcleo do predicado, pois ele declara o atributo do sujeito "Cristina". Temos, portanto, um Predicado Nominal, isto é, uma declaração nominal de nome - adjetivo.

O núcleo do Predicado Nominal - o nome adjetivo - passa a ser chamado então de Predicativo do Sujeito e o verbo SER ocupa um papel de elemento de ligação, sem significação independente, chamado então de Verbo de Ligação.

Outros verbos não ativos existem, deferenciando-se de SER; entretanto, possuem semelhanças estruturais que nos permitem aproximá-los com outros verbos de ação. Observe:

João saiu de casa.

João está em casa.

Comparando as duas orações, vemos que os dois verbos se assemelham, ao admitirem a presença de um adjunto adverbial de lugar, precedidos am-

bos por preposição. Admitindo um elemento circunstancial, os dois se diferenciam pelo traço [+ dinâmico][- dinâmico].

Os dois diferenciam do SER por admitirem respostas diferentes, no caso de aparecerem apenas com o sujeito:

Ex.: a) João é. - o que João é?
João é estudante.

b) João saiu. - de onde João saiu?
João saiu de casa.

c) João está. - onde João está?
João está em casa.

Os três admitem também a pergunta como, embora com conotação diferente:

Ex.: a) João é. - como João é?
João é feliz.

Esta resposta nos indica um atributo de "João" tendo em vista o caráter de pernamência deste atributo que nos é dado pelo verbo SER.

b) João está. - como está João?
João está feliz.

Esta resposta nos indica um modo de "João" tendo em vista o caráter transitório deste modo que nos é dado pelo verbo ESTAR.

c) João saiu. - como João saiu?
João saiu feliz.

Esta resposta também nos indica um modo de sair de João, tendo em vista o caráter transitório deste modo que nos é dado pelo verbo ESTAR, que aparece subentendido na ação do verbo sair:

João estava feliz, quando saiu.

o caráter passageiro se reflete aqui mais diretamente, pois fica claro que a felicidade de João existia no momento de sua ação de sair.

A característica de indicarem um determinado momento, nos leva a diferenciarmos também os verbos ESTAR e SAIR do verbo SER. Essa constatação nos leva a concluir que, mesmo não sendo um verbo ativo, o verbo ES-

TAR não pode ser chamado de ligação, uma vez que se aproxima muito mais de verbos intransitivos como SAIR do que do verbo de ligação SER.

Neste caso, como classificar os predicados que são construídos com o verbo ESTAR?

a) indicando circunstância locativa:

Ex.: João está em casa.

Sujeito: João

Predicado Verbal: está em casa

Núcleo: está

Adjunto Adverbial de lugar: em casa

b) indicando circunstância modal:

Ex.: João está feliz.

Sujeito: João

Predicado Nominal: está feliz

Núcleo: feliz

Predicativo (modal) do Sujeito: feliz.

É de se perguntar por que indicando circunstância o verbo ESTAR se constitui em predicados diferentes?

estar = locativo - Predicado Verbal

estar = modo - Predicado Nominal

Explicamos o fato da seguinte forma: se substituirmos na oração:

João está em casa.

a expressão"em casa" pela expressão "aqui" é visível que a expressão "aqui" está numa função espacial, correspondente a uma das naturezas do advérbio que é a natureza pronominal, enquanto que em:

João está feliz.

substituindo "feliz" por, por exemplo, "bem", teremos:

João está bem.

onde temos nitidamente uma função modificadora, correspondente à natureza nominal do advérbio.

Esta explicação resulta de serem diferentes, na estrutura profunda, relação entre as palavras, ou seja, no 1º caso:

João está em casa.

João está aqui.

a função espacial se relaciona com o verbo, isto é, modifica o verbo. Enquanto que no 2º caso; a relação interna entre as palavras é:

João está feliz.

João está bem.

a função nominal se relaciona com o sujeito, isto é, modifica o nome, igualando-se a uma frase com o verbo de ligação SER:

João é feliz.

Sendo assim, em:

João está feliz.

o núcleo do predicado continua sendo um nome, isto é, feliz.

Resumindo, queremos dizer que não chamamos um Predicado de Nominal, pelo fato de ele ter um verbo de ligação, e sim porque a palavra que faz a declaração do sujeito é um nome. Entendemos por verbo de ligação apenas o verbo SER, já que só ele é totalmente isento de significação independente. Só ele não aparece substituído por verbo significativo. O verbo ESTAR,por exemplo, é facilmente substituído em frases como:

Ele está bem.

Ele passa bem.

Ele vai bem.

Não se trata de transformar os verbos IR e PASSAR em Verbos de ligação, mas afirmar que ESTAR é uma forma de Verbo Intransitivo. A substituição na frase é uma possibilidade estrutural a nível superficial. A nível de estrutura profunda, ou da compreensão,o verbo ESTAR revela uma situação,portanto é significativo.Tanto isso é verdade que, se construirmos uma frase somente com o verbo SER,por exemplo:

João é ...

só esperamos uma resposta - o atributo - o qual já é até dispensado em algumas línguas; inclusive na língua portuguesa, se pensarmos em expressões como:

Maria Bonita ou João Ninguém, onde se subentende o verbo SER facilmente. O contrário se dá em:

João está .....

onde podemos esperar duas respostas:

situação espacial - em casa, aqui

situação modal - feliz.

Finalmente o verbo ESTAR se assemelha aos verbos intrasitivos tanto pelas possibilidades estruturais como por ser significativo, isto é, no nível superficial e no profundo.

Assemelham-se ao verbo ESTAR outros como ficar, continuar, permanecer, os quais admitem as duas circuntâncias: locativa e modal.
Outros como parecer e andar, admitem apenas a circunstância modal.

Resumindo, diríamos que no Predicado Nominal existem dois tipos de núcleo: um atributivo, com a presença do verbo SER e um modal com a presença de ESTAR, FICAR, CONTINUAR, PERMANECER, PARECER, ANDAR.

Ex.: João é feliz.

Predicativo (de qualidade) do sujeito

Predicado Nominal

João está feliz

João fica feliz

João continua feliz

João permanece feliz

João parece feliz

João anda feliz

Predicativo (modal) do sujeito.

Predicado Nominal

No caso de orações como:

João saiu feliz

temos duas declarações sobre o sujeito: uma concentrada no verbo ativo:

João saiu

outra no nome - adjetivo

João estava feliz

ou seja, João estava feliz, quando saiu.

Neste caso temos dois núcleos: um verbal - saiu e outro nominal - fe

liz; portanto, dois predicados sobre um mesmo sujeito.

João saiu feliz.

Sujeito: João

Predicado Verbo-Nominal: saiu feliz

Núcleos: saiu e feliz

Predicativo (modal) do sujeito: feliz

Em se tratando do PVN notamos aparecer aí um elemento não visível na Estrutura Superficial, mas que se faz presente na Estrutura Profunda: é o elemento temporal quando ou no momento em que. As duas declarações se fazem simultaneamente, isto é, ao mesmo tempo. Temos então na Estrutura Profunda:

João estava feliz quando João saiu.

As declarações feitas com relação ao sujeito são duas: uma nominal e outra verbal. A nominal indica uma significação modal, pois não se trata de um atributo inerente (ou permanente) a João; mas apenas em relação a um determinado momento: é um atributo circunstancial.

Outros exemplos de PVN:

1. Verbo Intransitivo + nome (predicativo do sujeito)

   a) Fernanda chegou risonha.

      Fernanda estava risonha, quando chegou.

   b) Levantou-se apressado.

      Estava apressado, quando se levantou.

   c) Os jovens chegaram entusiasmados.

      Os jovens estavam entusiasmados, quando chegaram.

   d) Josefina partiu feliz.

      Josefina estava feliz, quando partiu.

   e) O herói caiu vencido.

      O herói estava vencido, quando caiu.

   f) O professor entrou sério na aula.

      O professor estava sério, quando entrou na sala.

2. Verbo Transitivo + Complemento Verbal + nome (pred. do Suj.)

a) A aluna respondeu segura (com segurança) à pergunta do mestre.

A aluna estava segura, quando respondeu à pergunta do mestre.

b) O menino abriu a porta ansioso.

O menino estava ansioso, quando abriu a porta.

c) Os cientistas pesquisam apressados um substituto do petróleo.

Os cientistas estão apressados, no momento em que pesquisam um substituto para o petróleo.

3. Verbo Transitivo + Complemento Verbal + nome (pred . do objeto)

a) Encontrei o livro rasgado.

O livro estava rasgado, quando eu o encontrei.

b) Vi o menino triste.

O menino estava triste, quando eu o vi.

3.1. Verbos Transitivos que indicam julgamento ou vontade.

a) Achei o menino triste.

Achei que o menino estava triste.

b) Considero o aluno inteligente.

Considero que o aluno é inteligente.

3.2. Verbos Transitivos com significação de nomear.

a) Escolheram João meu substituto.

Escolheram João para ser meu substituto.

Escolheram João para que ele fosse meu substituto.

b) Elegeram-no Deputado.

Elegeram-no para ser Deputado.

3.3. Descendo às camadas mais profundas do enunciado encontramos lá a presença do verbo fazer com o traço de causatividade e também a presença de uma oração adjetiva.

a) A guerra cria homens impiedosos.

A guerra faz serem impiedosos os homens que cria.

A guerra faz que sejam impiedosos os homens que cria.

A guerra faz que os homens que cria sejam impiedosos.

b) A avareza forma corações gélidos.

A avareza faz serem gélidos os corações que forma.

A avareza faz que sejam gélidos os corações que forma.

A avareza faz que os corações que forma sejam gélidos.

c) Deus criou os homens fracos.

Deus fez serem fracos os homens que criou.

Deus fez que fossem fracos os homens que criou.

Deus fez que os homens que criou fossem fracos.

III - EXERCÍCIOS

Classifique o predicado e dê a função sintática das palavras sublinhadas:

1 - Minha equipe venceu <u>a partida</u>. (.....
.....)

2 - Ele precisa de um <u>esparadrapo</u>.(.....
.....)

3 - Nosso colega está <u>doente</u>. (.....
.....)

4 - O sabiá voou <u>alto</u>. (.....
.....)

5 - Aquele menino é <u>triste</u>. (.....
.....)

6 - Demos uma <u>simples</u> colaboração a vocês. (.....
.....)

7 - O texto saiu <u>incompleto</u>. (.....
.....)

8 - Os rapazes voltaram <u>vitoriosos</u>. (.....
.....)

9 - Os dias ficaram <u>longos</u>. (.....

.....)

10 - Minha expectativa é moderada.(.....

.....)

11 - Os meninos corriam alegres pela rua. (.....

.....)

12 - Julgaram péssimo o bom trabalho. (.....

.....)

13 - Julgaram péssimo o bom trabalho. (.....

.....)

14 - Não me recordo muito bem. (.....

.....)

15 - O poeta ia bêbedo no bonde. (.....

.....)

16 - Encontrei-a dormindo. (.....

.....)

17 - Suportava-a calada. (.....

.....)

18 - O presente veio depressa. (.....

.....)

19 - O gerente nomeou João secretário. (.....

.....)

20 - Os soldados avançavam lentamente. (.....

.....)

21 - Os alunos voltaram da sala do diretor cabisbaixos. (.....

.....)